



ARCADAS À SEMANA DE 22



NOTAS DE ARTE

A semana futurista

Contra

Andam por ahí uns pisaverdes, far chibchas parvoicadas, a respeito de bellas letras, menosprezando o calceal de cultura classica e mais de Canões e Frei Luiz de Souza.

Na aravia com que malstam os leudem facs innovadores, decerto aquillo que com suado labor, nossos autores edificaram, de abundantes architectonicas, modolando illares, que parecem quez baroicos e voluparios enclauderios fezca sobre escan-zeladas figuras lalhadas em ruim uateria.

Não se abeberam mais nas dia-phanas aguas da Castalia, os lótas y Argote revive, na obra deses-des, quão mal me sabe esse vocabu-ri-curvezados e ademans os mais frate.

Fundibularios de má morte, ar-mostrando a dentura de carnivo-ladram, nívica e mais, estraca-llas serve de pasto.

O passado, entretanto, não pere-longe a empresa que se nos afi-oveiros. Antes, deslithados della, haveis de voltar cobertos de vevos-supavezado orguimo derrajas! Não fere a modorra modernista e a indifferença do publico pelas questões em que se

Pró

Qual povo, porém, qual nacio-nalidade, qual digase, reuniao de honens sensatos concederia se-quer fosse pesada ou medida por fel nealium, Deus bonados!

6. MINIZ



REALIZAÇÃO:



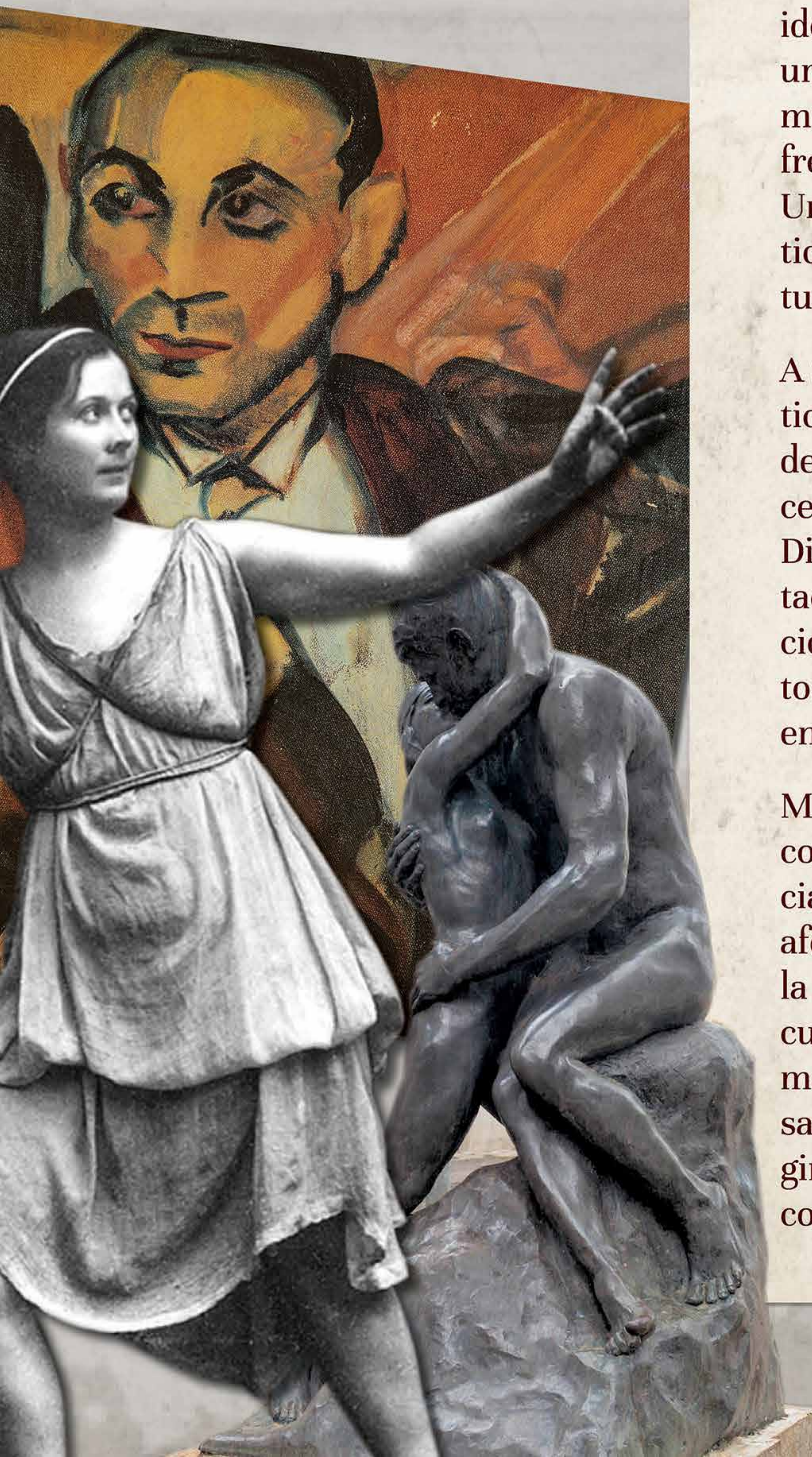
APOIO:



DAS

DAS ARCADAS À SEMANA DE 22

AS



Conforme se aproximava o Centenário da Independência, uma pergunta se impunha nos centros intelectuais, artísticos e políticos de todo o país: o que é o Brasil?

Em São Paulo, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, criada pouco depois da emancipação política brasileira, desde sempre constituía-se num centro efervescente de debates sobre as questões nacionais mais prementes. Nascida sob o signo da Independência, reunia jovens vindos de todo o país que, interagindo e vivendo intensamente seu tempo de estudante, criavam redes de sociabilidade e geravam poderosas ondas e movimentos que expressavam, mais do que diferentes tendências, as preocupações centrais de cada época.

No início, como estudantes e, depois, como bacharéis formados, muitos tinham nas redações de jornais seu ambiente natural, o que ampliava consideravelmente a força de seus debates de ideias, movimentos e campanhas.

Na passagem para os anos 1920, fosse na literatura, nas artes, na política ou no direito, buscava-se o nacional por todas as formas. Uma preocupação central com o futuro do país fazia com que se procurasse responder à grande questão – o que é o Brasil? – pela busca de raízes da identidade cultural que levassem não apenas a uma valorização do brasileiro mas, principalmente, a um diagnóstico dos problemas a enfrentar para a construção de um país moderno. Um dos principais alvos de crítica (e de autocrítica) era o “bacharelismo”, visto como uma cultura de aparências e mentalidade a superar.

A Semana de Arte Moderna de 1922, com a participação de numerosos bacharéis da Faculdade de Direito de São Paulo – Oswald de Andrade ao centro – e também da Faculdade Nacional de Direito, do Rio de Janeiro, foi uma das manifestações havidas nesse sentido. Na busca pelo nacional, nela estavam amalgamados pensamentos de tendências variadas, ainda misturados e em germinação.

Mais tarde, diferentes vertentes ganhariam corpo, deixando ver, ao menos, duas tendências principais: aquela dos **patriotas**, mais afeitos a um ideal cívico-nacionalista, e aquela dos **libertários**, que desejavam um Brasil culturalmente pleno, com suas raízes e suas matrizes estrangeiras profundamente processadas a fim de soltar as amarras e fazer emergir o grande país que se sabia existir, mas cuja consciência era, até então, apenas latente.

FICHA TÉCNICA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carlos Gilberto Carlotti Junior, Reitor

Maria Arminda do Nascimento Arruda, Vice-Reitora

Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Celso Fernandes Campilongo, Diretor

Ana Elisa Liberatore Silva Bechara, Vice-Diretora

Comissão do Museu

Ivette Senise Ferreira, Presidente

Ignacio Maria Poveda Velasco, Vice-Presidente

Heloisa Maria Silveira Barbuy

Maria Cristina da Silva Carmignani

Samuel Rodrigues Barbosa

Servidores

Maria Lucia Beffa

Maria Luiza Mello Isern

Richard Schippa

Entidades

José Carlos Madia de Souza

(Associação dos Antigos Alunos)

Colaboração

Equipe da Biblioteca

Produção

Haroldo Kinder – Harpia Design e Produções

Fernanda Cristina Scalvi – Enfoque Consultoria e Pesquisa em História

Design Gráfico e Diagramação

Roberta Giotto

Revisão de textos

Ana Maria Ziccardi

Reprodução fotográfica

David da Silva Rego

Gilberto Luiz Garavello

Montagem

Harpia Design e Produções

Impressão

Camera Press



São Paulo nos anos 1910 e início dos anos 1920 (I)



RUA XV DE NOVEMBRO, AO CENTRO,
ESQUINA COM RUA DIREITA. 1912.
FONTE: GAROA HISTÓRICA

Um Teatro Municipal para a capital paulista

Entre tantas outras iniciativas, considerava-se necessário dotar a Capital também de um Teatro – um belo e imponente Teatro, de padrão internacional, que pudesse acolher companhias de ópera, balés e orquestras. Na gestão do Prefeito Antônio Prado, foi então construído o Teatro Municipal de São Paulo, inaugurado em 1911.

O THEATRO MUNICIPAL EM CARTÃO POSTAL NOS ANOS 1910. REPRODUZIDO DE BENEDITO LIMA DE TOLEDO, ANHANGABAHU, 1989. EM PRIMEIRO PLANO, A ESTÁTUA O MENINO E O CATAVENTO, QUE DEPOIS DE “PASSEAR” POR VÁRIOS LOGRADOUROS DA CIDADE, EM 1967 FOI TRAZIDA, PELOS ESTUDANTES, PARA O LARGO DE SÃO FRANCISCO, ONDE HOJE SE ENCONTRA.



Desde o final do século XIX, São Paulo era uma cidade em franca transformação. A pujança econômica do estado fazia-se sentir na capital: na área central, conhecida, então, como Triângulo (formado pelas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro), a velha cidade de taipa, com seu casario de feições coloniais de matriz ibérica, havia sido substituída por uma cidade reconstruída não só com novos materiais e novas técnicas, mas também com nova estética, que buscava seu referencial em cidades como Paris e Londres.

A internacionalização econômica, que já se vinha operando há décadas, intrinsecamente ao comércio do café, implicava a idealização, por parte da elite paulista de uma capital moderna e cosmopolita para o Estado de São Paulo. Essa elite era composta por lideranças do Poder Público, fazendeiros e empreendedores, muitos deles antigos alunos da Faculdade de Direito. Novos sistemas de iluminação, calçamento e outros investimentos de infraestrutura urbana eram implementados. Ao mesmo tempo, multiplicavam-se hotéis, cafés, restaurantes e casas de comércio que ofereciam, em suas vitrines, um sem-número de artigos importados, cada vez mais variados. Importantes casas fluminenses já tinham filiais na capital paulista, como a Alfaiataria Raunier e a Chapelaria Alberto.

Na composição social e cultural da cidade, um imenso afluxo de imigrantes de diversas origens, em maior número italianos, também mudava o ambiente das ruas e trazia novas falas, novos costumes, novas formas de viver e de pensar.

A industrialização ainda era incipiente, mas já se podia antever o crescimento futuro, mesmo que muitas iniciativas fossem apenas para suprir as necessidades internas da economia do café ou para consumo de bens de uso cotidiano. A crise gerada no Hemisfério Norte pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) foi decisiva como oportunidade inédita para o desenvolvimento industrial paulista.

GOVERNADORES DO ESTADO

- 1908-1912
Albuquerque Lins
- 1912-1916
Rodrigues Alves
(turma de 1870)
- 1916-1920
Altino Arantes
(turma de 1894)
- 1920-1924
Washington Luís
(turma de 1891)



Fonte: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2012

PREFEITOS

- 1899-1911
Antônio Prado
- 1911-1914
Raimundo Duprat
- 1914-1919
Washington Luís
(turma de 1891)
- 1919-1920
Álvaro Gomes da Rocha Azevedo
(turma de 1888)
- 1920-1926
Firmiano Pinto
(turma de 1882)



Fonte: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2005.

São Paulo nos anos 1910 e início dos anos 1920 (II)

Antigos alunos das Arcadas promovem eventos culturais no Teatro Municipal, no final dos anos 1910

Destacamos, aqui, algumas iniciativas de espetáculos que envolveram antigos alunos das Arcadas no final dos anos 1910, tanto de caráter internacional como de valorização do nacional.



LARGO DE SÃO FRANCISCO, 1920

1916

Dança moderna trazida para São Paulo por Anita Malfatti e René Thiollier (turma de 1906)



RENÉ THIOILLIER



ISADORA DUNCAN, ÍCONE DA DANÇA MODERNA QUE SE APRESENTOU NOS TEATROS MUNICIPAIS DO RIO DE JANEIRO E EM SÃO PAULO, EM 1916



DIVULGAÇÃO DO ESPETÁCULO PUBLICADA NO JORNAL CORREIO PAULISTANO, DE 1º DE SETEMBRO 1916, ED. 19088, P. 8.

Sabendo que a coreógrafa-bailarina viria à América do Sul, Anita Malfatti recorreu a René Thiollier (turma de 1906), que viabilizou a apresentação da estrela internacional da dança no Teatro Municipal de São Paulo, não só financeiramente, mas também cuidando da necessária logística, ao tratar com a companhia de balé de Isadora Duncan e garantir o Teatro Municipal para suas apresentações.

“[René Thiollier] Mobilizou sem medir esforços, os contatos com o Balé de Isadora Duncan, reservando o Teatro Municipal. Em setembro, nos dias 2, 3 e 5 de 1916, estreou nesta cidade o majestoso recital”.

Stella Maria de Mendonça e Elisabeth Cecília Malfatti, em nome também de Betty Malfatti, sobrinhas de Anita Malfatti. Fonte: Migalhas, 2008.

1919

janeiro

Exposição de arte francesa traz esculturas modernas

Paulo Prado (turma de 1889), Freitas Valle (turma de 1891) e René Thiollier (turma de 1906) fazem parte do comitê que promove, com o Consulado da França, uma exposição de pinturas e de esculturas francesas, entre as quais estavam obras de artistas modernos como os escultores Rodin e Bourdelle. A exposição foi instalada no saguão do Teatro Municipal. As obras estavam à venda e a arrecadação seria destinada a uma associação protetora de órfãos e famílias de artistas em dificuldades durante a guerra, na França.

1919

abril

Grupo da elite paulista encena peça nacional

A peça teatral *Contratador de Diamantes*, de Afonso Arinos (turma de 1889), foi levada ao palco do Teatro Municipal, em produção totalmente local, por iniciativa de Antonieta Prado Arinos de Melo Franco, viúva do autor e filha do ex-prefeito Antonio Prado, com apoio de suas irmãs e cunhados, entre eles, Caio da Silva Prado (turma de 1879).

O drama em quatro atos situa-se nas Minas Gerais do tempo colonial, baseado em contexto e personagens históricos, valorizando a dramaturgia de temática e a autoria nacionais.

Entre os atores estavam René Thiollier (turma de 1906), no papel de Ouvidor Bacelar e Goffredo da Silva Telles (pai) (turma de 1910), um galã.



O CONTRATADOR DOS DIAMANTES
Sra. Eglantina Penteadó da Silva Prado, Sr. Roberto Moreira, Sra. Antonieta Prado Arinos de Melo Franco, Sr. Eduardo de Aguiar d'Andrada, Sra. Antonieta Penteadó da Silva Prado, René Thiollier, Sr. Cristiano Klingelhoef, Sr. Caio da Silva Prado...

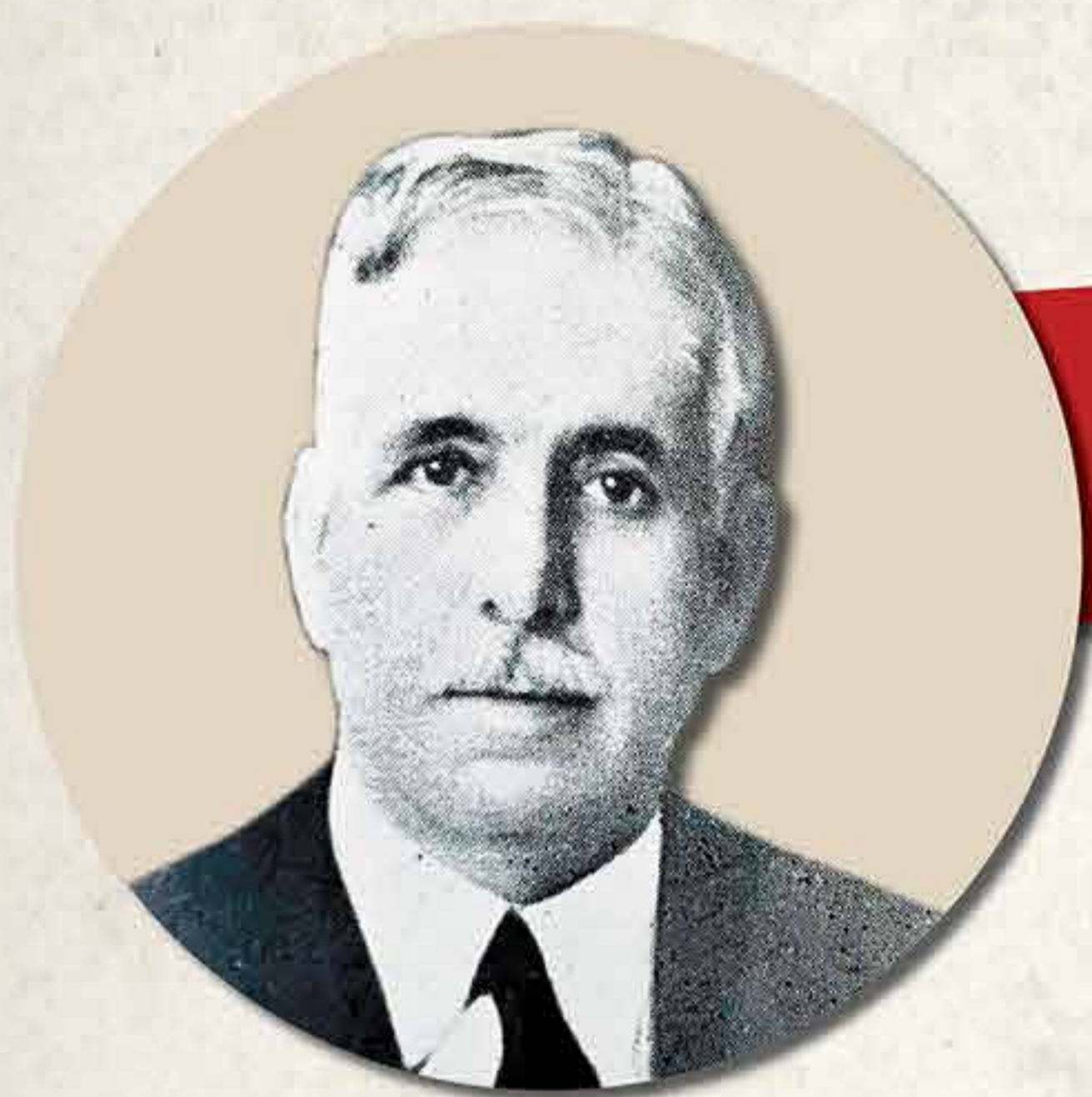
Na escadaria do Teatro Municipal, grupo que encenou a peça *Contratador de Diamantes*, de autoria de Afonso Arinos (turma de 1889): Eglantina Penteadó da Silva Prado, Roberto Moreira, Antonieta Prado Arinos de Melo Franco, Eduardo d'Aguiar de Andrada, Antonieta Penteadó da Silva Prado, René Thiollier (turma de 1906), Cristiano Klingelhoef, Caio da Silva Prado (turma de 1879).

“E o espetáculo foi, com todos previrmos, um deslumbramento!”

Os cenários, fornecidos pela Prefeitura, pintados por cenógrafos de fama vindos de fora; o mobiliário pertencente a velhas famílias tradicionais paulistas e a indumentária de uma riqueza sem par, custeada por cada um de seus intérpretes. A peça foi ensaiada durante três meses consecutivos por Della Guardia, meste ensaiador *hors ligne*”.

René Thiollier em *Episódios de minha vida*, 1956.

Salões artísticos-literários, Mecenato, Bolsas de Estudos e outras formas de impulso às artes e à literatura: a ação de Antigos Alunos das Arcadas no ambiente cultural de São Paulo na passagem dos anos 1910 para os anos 1920 (I)



PAULO PRADO
(turma de 1889)

PAULO PRADO: FIGURA DE REFERÊNCIA NA SÃO PAULO DE SEU TEMPO.

Paulo Prado (1869-1943), filho do conselheiro Antônio Prado, nasceu em família abastada de fazendeiros de café e de outros empreendimentos. Estudou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, graduando-se em 1889, com a idade de 21 anos. Em seguida, instalou-se em Paris, período em que conviveu estreitamente com seu tio Eduardo Prado (turma de 1881). Complementou seus estudos na Europa e retornou a São Paulo no início da Primeira Guerra Mundial.

Nos anos 1910 e 1920, como integrante do Comitê de Valorização do Café, representou o Estado de São Paulo na Europa e nos Estados Unidos nas negociações para venda de café no exterior. Nessa função, foi homem forte dos sucessivos governos estaduais de Altino Arantes e de Washington Luís e frequentou intensamente os circuitos internacionais, principalmente entre São Paulo, Paris e Nova York.

Sua ação foi múltipla – nos negócios, nas artes, nos estudos históricos, na política –, guiada por um ideal de modernização e de desenvolvimento de São Paulo e do Brasil.

Paulo Prado trouxe da Europa um rico acervo artístico, com obras de artistas modernos como Matisse, Modigliani, Picasso, Léger e Braque, entre outros. Após seu casamento com a francesa Marie Lebrun (Marinette Prado), abriu sua residência, na Avenida Higienópolis, para escritores e artistas, tornando o local um ponto de encontro. Foi justamente durante esses encontros que surgiu a ideia de produzir a Semana de 22 no Teatro Municipal de São Paulo, que pôde ser alugado em razão das contribuições financeiras arrecadadas por Paulo Prado, o grande mecenas do evento. Sempre interessado pela História do Brasil, tinha Capistrano de Abreu como mentor nesse campo, adquirindo documentos históricos que fazia publicar em fac-símiles.

Paulo Prado também contribuiu para que Monteiro Lobato pudesse tornar-se sócio e, depois, diretor da *Revista do Brasil*. Patrocinou a vinda ao Brasil, em 1924, do escritor suíço-francês Blaise Cendrars, por sugestão de Oswald de Andrade. Em 1926, foi membro fundador do Partido Democrático, criado com o objetivo de promover uma mudança estrutural no país, em oposição ao Partido Republicano Paulista (PRP).

Já maduro, publicou livros fundamentais: *Paulística* (1925), sobre a história de São Paulo, e *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928), que expressa seu pensamento sobre o país que desejava mudar e por cuja mudança agia.



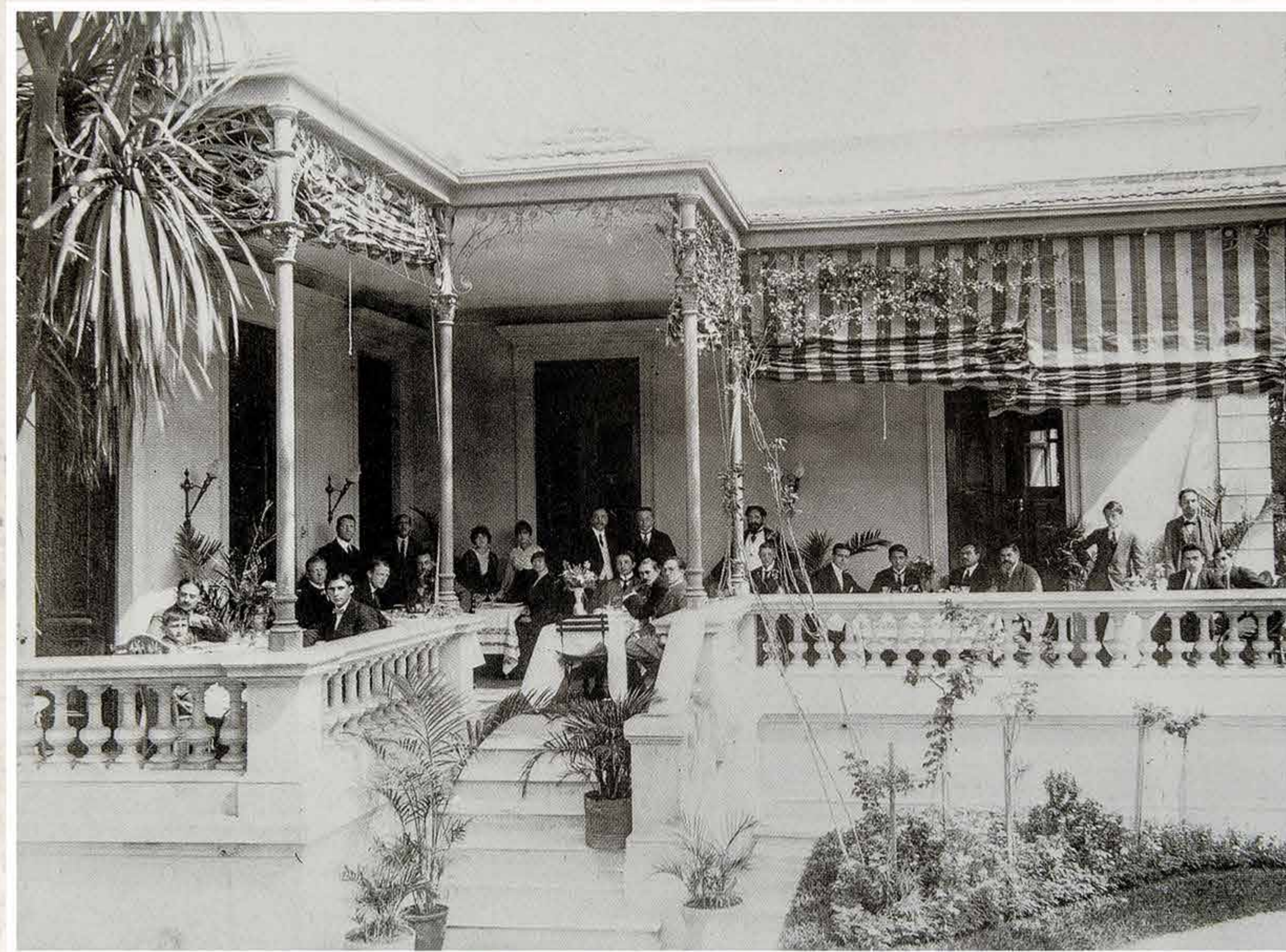
RETRATO DO BRASIL, EDIÇÃO DE 1928. EXEMPLAR DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE DIREITO, USP. FOTO: GILBERTO LUIZ GARAVELLO

[Retrato do Brasil,] escrito por entre as dobras criadas pela superposição de erudição com imaginação, inaugura um gênero de interpretação histórica que se consagrará no decênio seguinte com os notáveis Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, e Casa-grande & senzala, de Gilberto Freyre”. (Carlos Augusto Calil, na Introdução à 8ª. edição de *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado).

Os salões artísticos-literários são apontados como um dos fatores que fomentaram uma intensa vida cultural na cidade. Esses espaços recebiam artistas, poetas e escritores de variadas tendências, muitos em busca de suporte financeiro para seus projetos.

Célebres salões desse tipo eram organizados por Freitas Valle (turma de 1891) em sua Vila Kyrial – uma chácara na Vila Mariana –, onde foram sistematicamente organizados, entre 1921 e 1924, ciclos de conferências abordando os mais diversos temas e de forma aberta a diferentes tendências.

FREITAS VALLE
(turma de 1891)



A VILA KYRIAL, UMA CASA DE CHÁCARA NO BAIRRO DE VILA MARIANA, RESIDÊNCIA DE FREITAS VALLE NA QUAL ELE ORGANIZAVA SALÕES ARTÍSTICOS E LITERÁRIOS E RECEBIA INCONTÁVEIS ARTISTAS. À PARTE DELES, PROPORCIONOU ALGUM TIPO DE FINANCIAMENTO, FOSSE DE ESTUDOS, EXPOSIÇÕES OU OBRAS DE ARTE. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22. FOTO: GILBERTO LUIZ GARAVELLO

Como deputado estadual, Freitas Vale apresentou um projeto para a criação do Pensionato Artístico, instituído, em 1912, por meio do decreto n. 2.234, de 22 de abril, cujo objetivo era manter bolsistas das áreas de artes plásticas, música e canto em importantes centros artísticos da Europa para aperfeiçoamento, por um prazo de cinco anos, prazo este

que poderia ser prorrogado por mais um biênio. Os requisitos para concorrer ao benefício eram: ser paulista, ter entre 12 e 25 anos de idade e vocação artística.

Segundo Aracy Amaral, foi o Pensionato Artístico que possibilitou que artistas brasileiros pudessem conhecer diretamente a vanguarda artística internacional, a “nova conceituação estética europeia”, apontando como sendo “a gênese do modernismo e a razão pela qual ele teria se originado em São Paulo”.

Como mecenas, Freitas Valle patrocinou vários artistas, destacando-se a primeira exposição do pintor Lasar Segall no Brasil, em 1913. Entre vários outros, o escultor William Zadig, com obra acervo da Faculdade de Direito, foi outro dos artistas que ele apoiou.

Salões artísticos-literários, Mecenato, Bolsas de Estudos e outras formas de impulso às artes e à literatura: a ação de Antigos Alunos das Arcadas no ambiente cultural de São Paulo na passagem dos anos 1910 para os anos 1920 (II)



RENÉ THIOLLIER
(turma de 1906)

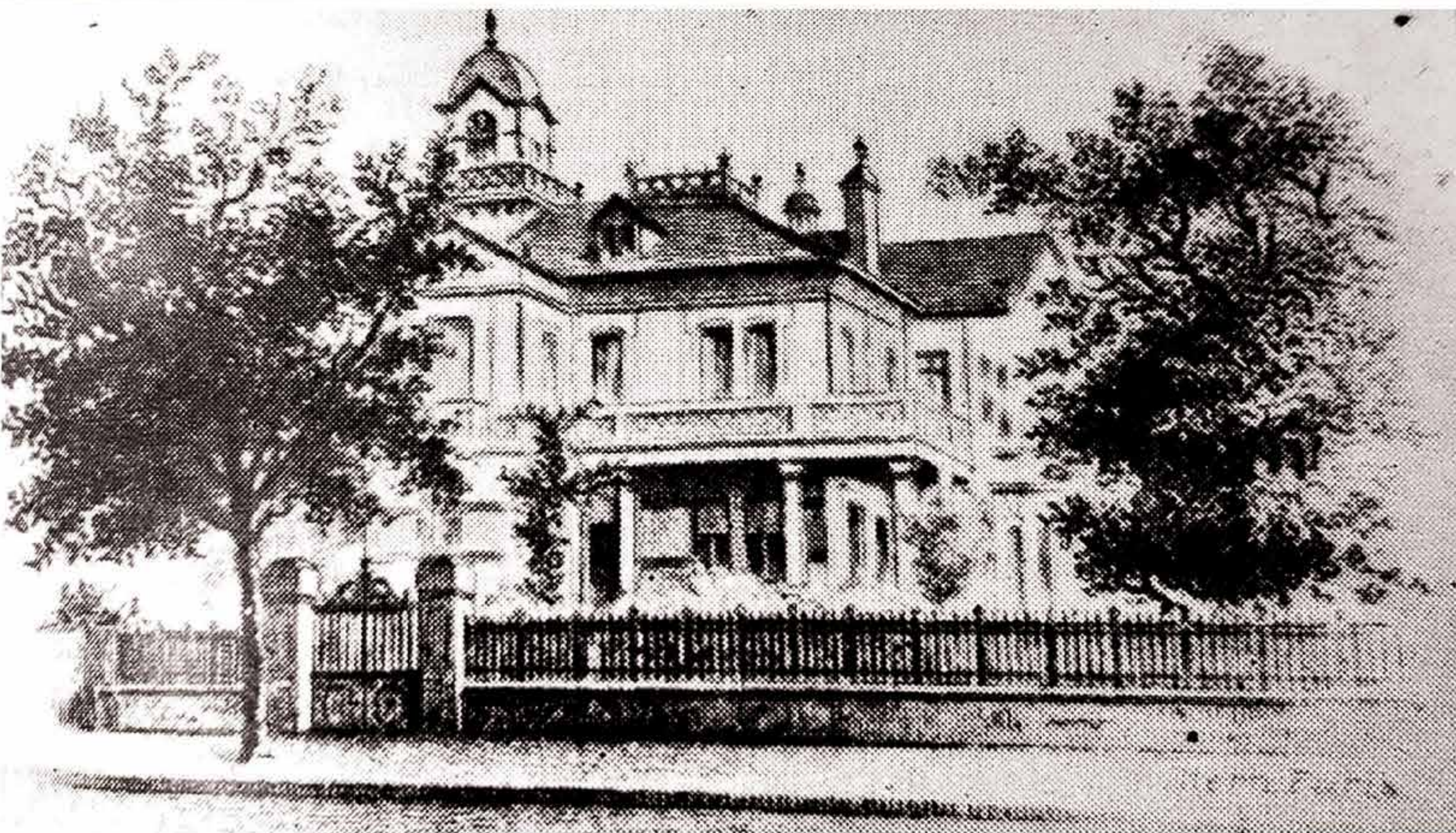
RENÉ THIOLLIER EM SUA PROVERBIAL ELEGÂNCIA. FOTO WIKIPEDIA

René Thiollier (1882-1968) nasceu e morreu em São Paulo. Filho de pai francês e mãe brasileira, sua família era proprietária da Livraria Garraux, um negócio que ia muito além de seus aspectos comerciais. Um verdadeiro marco histórico de São Paulo, era a primeira livraria da cidade, fundada em 1859 por Anatole Louis Garraux, que, ao deixar o Brasil, a entregaria a seu pai, Alexandre Thiollier, que a conduziu por alguns anos.

René, depois de cursar os estudos primários em Paris e os secundários em São Paulo, só podia ter um destino no que

se referia à sua formação superior: a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, pela qual graduou-se em 1906. Menino crescido entre livros, como estudante, cultivou atividades literárias e foi membro fundador da revista *A Musa*.

Com amor declarado por São Paulo e seus valores e maneiras aristocráticos, foi definido por seu biógrafo, Valter Pinheiro, como um “Grão-Senhor”. O termo, em francês, *grand seigneur*, tinha sido aplicado, por ele próprio, ao seu grande amigo Paulo Prado.



A VILLA FORTUNATA, RESIDÊNCIA DE RENÉ THIOLLIER NA AVENIDA PAULISTA, QUE LEVAVA O NOME DE SUA MÃE. A IMAGEM FOI PUBLICADA NAS MEMÓRIAS DE THIOLLIER, EPISÓDIOS DE MINHA VIDA, 1956.

René Thiollier teve importante papel na organização prática do projeto Semana de Arte Moderna, de acordo com seu próprio depoimento. Quando ocorreu aquele evento, já tinha publicado seu primeiro livro, *Senhor Dom Torres* (1921).



MONTEIRO LOBATO
(turma de 1904)

RETRATO DE MONTEIRO LOBATO INAUGURADO NA SALA DOS ESTUDANTES NO DIA 12 DE AGOSTO DE 1955. ATUALMENTE, ESTÁ NO 1º ANDAR DA FACULDADE DE DIREITO, PRÓXIMO À SALA DA CONGREGAÇÃO. FOTOGRAFIA QUE REPRODUZ UMA PINTURA FEITA PELO GENRO DO ESCRITOR, O ILUSTRADOR JURANDYR UBIRAJARA CAMPOS, EM 1947. ACERVO DA FACULDADE DE DIREITO-USP.

Figura central da intelectualidade paulista, Monteiro Lobato pode ser considerado um dos precursores do movimento modernista, especialmente em razão de propor, em suas obras, o abandono dos modelos europeus e a construção de uma cultura que transmitisse a realidade brasileira:

Monteiro Lobato achava possível que sacis, caiporas, mães-d'água e outros entes fantásticos do repertório popular substituíssem, nas nossas praças e nos nossos jardins públicos, a mitologia importada de ninfas, faunos e anões germânicos, com vestimenta própria para o inverno europeu, mas ridícula sob o verão tropical. (Márcia Camargos, em *Semana de 22: entre vaias e aplausos*, 2002).

Revista do Brasil: criada, em 2016, por Julio de Mesquita (turma de 1883), a *Revista do Brasil* tornou-se veículo importante para a intelectualidade paulista e base de apoio do movimento modernista. A maioria de seus colaboradores era constituída por políticos e jornalistas ligados ao jornal *O Estado de S. Paulo*. Era dirigida pelo próprio Julio de Mesquita e por Monteiro Lobato, que a comprou do primeiro, em 1918. Transformada em editora por Lobato, acolheu grandes escritores e jovens talentos e publicou livros em larga escala, um pioneirismo ousado no campo editorial.

O ambiente da Faculdade de Direito na passagem dos anos 1910 para os anos 1920: nacionalismo patriótico e nacionalismo jurídico

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) agitava o ambiente da Faculdade de Direito. Entre professores e estudantes, dominava o nacionalismo patriótico. As energias eram postas em movimento, desencadeadas como por um estopim, em 1915, pelo discurso conclamatório de Olavo Bilac, dirigido aos estudantes da Faculdade de Direito.

[...] Desta velha Casa, de entre estes sagrados muros que esplendem de tradições venerandas, deste quase secular viveiro de tribunos e poetas – daqui saíram, em rajadas de heroísmo, em ímpetos de entusiasmo, as duas campanhas gloriosas, que foram, coroadas pela vitória da Abolição e da República. Estruja de novo a Casa! Estremeçam de novo os muros! E de novo palpite e ressoe o aviário canoro, cheio de hinos de combate e de gorjeios de bondade! Inaugurai, moços de São Paulo, a nova campanha!

(Olavo Bilac. Trecho do discurso de 1915, dirigido aos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo).

Olavo Bilac era o maior propagandista da Liga de Defesa Nacional, grupo político centrado no Rio de Janeiro, que defendia a obrigatoriedade do serviço militar e educação básica para todos, com espírito cívico-patriótico, associado à bandeira nacional e suas cores.

Desde o famoso discurso proferido na Faculdade de Direito em 1915, Bilac atraía os estudantes, tanto por seu idealismo como por sua eloquência de poeta parnasiano: cultor das tradições formais da poesia e da frase brilhante, cheia de sonoridade. Como poeta, Bilac nada tinha de moderno, mas, ao abraçar a busca e a valorização do nacional, que eram a preocupação de toda uma época, e por sua profunda ligação com o Largo de São Francisco, assumiu forte liderança junto aos jovens estudantes.



EM 11 DE AGOSTO DE 1919, É INAUGURADO, NAS ARCADAS DO PÁTIO, UM MEDALHÃO COM EFÍGIE DE OLAVO BILAC, FALECIDO NO ANO ANTERIOR. NAQUELE DIA, UM DOS DISCURSOS HAVIDOS FOI DO ESTUDANTE OSWALD DE ANDRADE, COMO REPRESENTANTE DO 5º ANO, PARA SAUDAR O PROFESSOR AZEVEDO MARQUES. RELEVO EM BRONZE POR WILLIAM ZADIG, 1919. ATUALMENTE, ESTÁ NO PÁTIO DOS CALÇOUROS. FOTO: CLAUDIO WAKAHARA

ABYSMO!...

Para o Oswald de Andrade

“Bendigamos o amor que foi tão curto,
“O sonho vago que expirou tão cedo,
“Sossobrado no porto antes do surto!

“Feliz o idyllio que não teve historia!
“Salvando-nos do tedio, o nosso medo
“Foi uma pórtia de ouro para a gloria!

OLAVO BILAC — Tarde —

PEQUENO POEMA DEDICADO A OSWALD DE ANDRADE POR OLAVO BILAC, PUBLICADO NA REVISTA DE VARIEDADES A CIGARRA, EM 1º DE AGOSTO DE 1919.

Liga Nacionalista e Nacionalismo jurídico

O braço paulista da Liga de Defesa Nacional era a Liga Nacionalista, presidida pelo Professor Frederico Steidel. Contava com a atuação de outros professores da Faculdade de Direito, da Escola Politécnica, da Faculdade de Medicina e de dezenas de estudantes.



EM 7 DE SETEMBRO DE 1920, É INAUGURADO, NAS ARCADAS DO PÁTIO, O MEDALHÃO COM RELEVO DE JOSÉ BONIFÁCIO, O VELHO, PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA, DOADO PELA LIGA NACIONALISTA, PRESIDIDA PELO PROFESSOR FREDERICO STEIDEL. RELEVO EM BRONZE POR PASQUALE FOSCA, 1919. ATUALMENTE ESTÁ NO PÁTIO DOS CALÇOUROS. FOTO CLAUDIO WAKAHARA

Nacionalismo jurídico no discurso de Francisco Morato

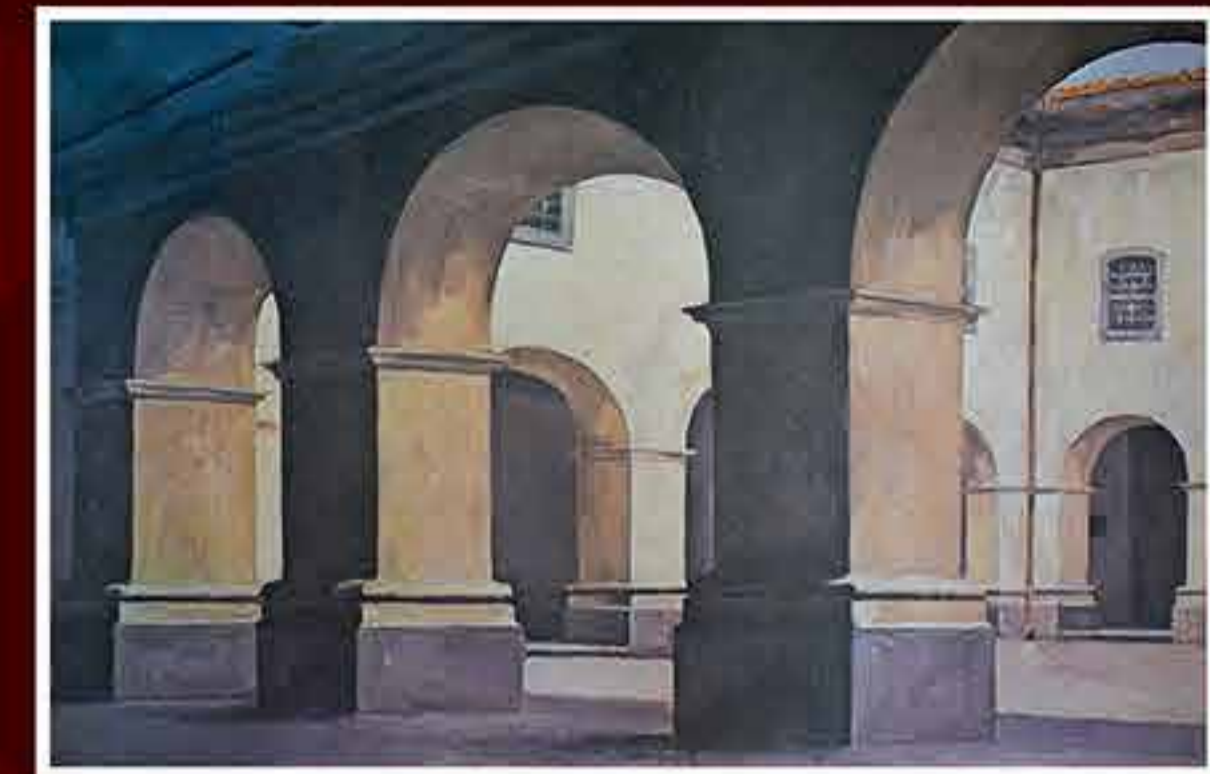
É a efígie desse herói querido, [José Bonifácio, Patriarca da Independência], meus caros acadêmicos, que a Liga Nacionalista traz no medalhão que vos ofereceu e que passa de hoje para sempre a honrar as arcadas serenas da velha Faculdade. Não é só sob as armas ou nos esplendores da política que se cumprem os deveres cívicos; em todas as circunstâncias da vida e em todos os departamentos da atividade humana, deparam os bons cidadãos ocasião azada para imprimir nos atos e palavras o cunho da nacionalidade e fazer campear acima de tudo a imagem da Pátria querida.

Aos que versam as disciplinas jurídicas, não pode passar despercebido ser obra altamente patriótica a nacionalização do direito e a luta contra a onda invasora dos estrangeirismos desnecessários no corpo de nossa legislação e nos domínios de nossa literatura.

(Trecho do discurso do Professor Francisco Morato no dia da inauguração do Medalhão de José Bonifácio, publicado no jornal *Correio Paulistano*, em 8 de setembro 1920).



O EDIFÍCIO DA FACULDADE DE DIREITO, NO LARGO DE SÃO FRANCISCO, NOS ANOS 1920-1930. PINTURA DE ADRIEN-HENRI VAN EMELEN. ACERVO DA FACULDADE DE DIREITO-USP.



ARCADAS NOS ANOS 1920-1930. PINTURA DE ADRIEN-HENRI VAN EMELEN.

O Centro Acadêmico em 1922: o Monumento a Bilac



MONUMENTO A BILAC, INAUGURADO EM 7 DE SETEMBRO DE 1922.

Desde 1919, o Centro Acadêmico dedicava-se a uma ampla campanha de arrecadação para erigir-se um grande monumento a Bilac. Conferências, tómbola, baile, partida de futebol, prêmios, muitas atividades foram realizadas para aquele fim.

O projeto para o monumento a Bilac, com devida apresentação prévia de maquete e detalhamentos técnicos, de autoria do artista William Zadig, foi aprovado por uma comissão pública, nomeada pela Prefeitura. Quando inaugurado, porém, na avenida Paulista, em 7 setembro de 1922 – data comemorativa do Centenário da Independência do Brasil (e cerca de sete meses depois da Semana de Arte Moderna) –, já suscitava fortes críticas por sua estética tradicional, por seu autor ser estrangeiro, por razões de ordem política e por outros aspectos então agressivamente veiculados por alguns órgãos da imprensa.

No campo das artes, a busca pelo nacional já ia se voltando, então, para caminhos mais ligados ao Modernismo da Semana 22. Assim era que, desde 1920, Menotti Del Picchia já escrevia, no *Correio Paulistano*, sucessivos artigos valorizando a modernidade artística de Victor Brecheret. Assinava-os com seu próprio nome ou sob o pseudônimo de Helios.

BELO ETERNO, GRUPO ESCULTÓRICO QUE ERA PARTE DO MONUMENTO A BILAC, DE AUTORIA DE WILLIAM ZADIG, INAUGURADO NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA E DESMONTADO EM 1935. MUITOS ANOS MAIS TARDE, EM 1966, ESSE GRUPO ESCULTÓRICO FOI TRAZIDO PELOS ESTUDANTES PARA O LARGO DE SÃO FRANCISCO, ONDE HOJE SE ENCONTRA. FOTO CLAUDIO WAKAHARA.



Pensando o Brasil profundo a partir de São Paulo: identidade regional e crítica social

Desde o final do século XIX e com mais força a partir dos anos 1920, escritores saídos da Faculdade de Direito projetavam, no cenário nacional, contribuições para aquilo que viria a se chamar *literatura regionalista*.

Três deles são aqui destacados por sua busca do nacional a partir de São Paulo, embora só o último tenha participado da Semana de Arte Moderna de 1922: **Valdomiro Silveira**, **Monteiro Lobato** e **Menotti Del Picchia**, por ordem de seu pertencimento às sucessivas gerações de estudantes.

Valdomiro Silveira (turma de 1894)

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DE **OS CABOCLOS**, DE VALDOMIRO SILVEIRA, PUBLICADO, EM 1920, PELA EDITORA REVISTA DO BRASIL, DE MONTEIRO LOBATO. ILUSTRADOR J. PRADO.

Escrevia em jornais desde jovem, ainda estudante do Largo de São Francisco. Foi nessa condição que, em 1891, publicou o conto intitulado *Rabicho*, que seria o primeiro de muitos sobre o universo caipira e é considerado um texto pioneiro da literatura regionalista. Embora tido como romântico tardio na forma como apresentava a cultura caipira, usava método moderno de pesquisa, colhendo vocabulário e poesia popular em sua convivência com os caipiras da cidade de Casa Branca, interior do Estado de São Paulo, onde morou.

Em 1907, em conferência promovida pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, falou sobre o assunto e a imprensa noticiou:

O ilustre conferencista colecionou para sua conferência uma grande porção das poesias cantadas pelos nossos caipiras e agrupou-as consoante seu gênero e estilo, estudando a sua organização métrica. [...] Em seguida descreve o delíquio do páldio trovador caipira, de noite, iluminado pelo luar, e faz considerações sobre a sensibilidade do poeta sertanejo. [...] Um dos versos destacados:

Eu não tenho pae nem mãe
Sou suzinho neste mundo
Sou filho das águas claras
Neto da areia do fundo.

(Conferência Litteraria [de Valdomiro Silveira]. *Correio Paulistano*, 5 de outubro de 1907, ed.15856, p.2).

Os Caboclos, seu primeiro livro de contos, foi publicado em 1920. Ao final dessa obra, há um vocabulário caipira sistematizado em verbetes elaborados pelo autor.

PÁGINAS DO VOCABULÁRIO CAPIRA INSERIDO PELO AUTOR AO FINAL DO LIVRO DE CONTOS **OS CABOCLOS**, DE VALDOMIRO SILVEIRA (1920).

120 OS CABOCLOS

ABRE — Aviver.
ABRUCADO, a — abraçado. Também se diz abraçado e encurado.
ABRUCAR — abraçar.
A'S GANHAS — com o laço apertado, do lado esquerdo.
A'S HERNIAS — dobras.
A'S PÉS DE — para mais nada, sem interesse.
A'S PÉS DE — ruído do campo e' capoteira.
ABRUCAR — o lugar mais alto e plano do monte; chapada.
ABRUCAR — assado, cozido.
ABRUCAR — molho, alho.
ABRUCAR — chover, ventilar, abegar.
ABRUCAR — lula improvisada.
ABRUCAR — não insistir, não pressar.
ABRUCAR, v. intr. — ir-se embora, partir em certo rumo.
A'ZUCO DO — por via do, em ruído de.
ABRUCAR, v. tr. e intr. — apertar, apertar. E' clássico.
ACTO (No) — Nequillo — no ato, no momento, nappell-
lo instante.
ABRUCAR — pertubado, desorientado.
ABRUCAR, a — arruado, tirado a mão.

BACURUA — bacurua; usado-a os murgelicos para
recoller as memórias.
BAGE — vazio.
BAGUA — cavalo que se tornou selvagem.
BAJA — pequena.
BALANCA — balança.
BANHEIRA — o modo de banho; molhada, fresquinho.
BANHA-BANHA — fumaça freqüente de grelhado de
verbo benzor.

VOCABULÁRIO 121

BANHA, v. intr. — rrucliar; ficar passiva e alheio.
BANHA, a — passivo; distúlio.
BANHA-DE-BOIA — espécie de capim marinho.
BANHA-DE-BOIA — certa vegetação filamentosa, que pen-
do das árvores.
BANHA — lúria. Dar em água de borra — dar em
nada; em resultado, sem consequência.
BANHA — árvore fronda, muito colheita.
BANHA — o movimento constante de dois objectos
que se encontram, produzindo ruído.
BANHA — tremar; fôbre intermitente com calafrios.
BANHA — discórdia.
BANHA BOCA — discórdia.
BANHA CAÇA — cossar novidades; assolar um facto.
BANHA CUMMO EM — alisar.
BANHA EM — chegar a.
BANHA TRUCA — farda trufgar até certo ponto.
BANHA UM TRUCO BANDA — trucidar, matar, usadão pa-
nos dias (a) — por não se dizer.
BANHA — mesmo muito conhecido.
BANHA — trecho afastado das habitações, ordinariamen-
te na mata virgem, de difícil acesso.
BANHA, a m. — o buraco feito no chão pelos mesteiros,
para o jogar das pedras.
BANHA — prostituta.
BANHA — o mesmo que sabão; é o macho da formiga cha-
mada vulgarmente saia, enquanto ainda tem suas.
BANHA — região de grande calibres.
BANHA — bacula.
BANHA — escavação profunda e costurada, nos ter-
mos antigos.
BANHA A TRUCA EM — falar mal de alguém.

Monteiro Lobato (turma de 1904)

Desde adolescente já publicava artigos em jornais e tinha grande talento para o desenho. Como estudante do Largo de São Francisco, participou do grupo Arcádia Acadêmica, colaborou com a revista do Centro Acadêmico XI de Agosto, então recentemente criado, e foi membro fundador do grupo O Cenáculo.

Mais tarde, como escritor, Lobato fez a crítica à inércia e à indiferença do homem comum do interior para conchamar o brasileiro a mudar de atitude e agir com energia pelo futuro do país, tal como ele fez, lançando-se em projetos grandiosos, movido por grande idealismo com relação ao Brasil.

Foi nesse sentido crítico, de oferecer o diagnóstico de um mal enraizado na cultura brasileira, que, no conto *Urupês* (1918), que fecha o livro de mesmo nome, lançou o personagem Jeca Tatu:

“Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine de tabuinha no beicho, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.

Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrovinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.

Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num ufl o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, ‘magina’ e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de Novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bes-tifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano; estouram as granadas de Custódio; Gumercindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar... Nada o esperta. Nenhuma ferrotoda o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jéca, antes de agir, acocora-se.

Jéca Tatu é um piraquára do Paraíba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as características da espécie”. (Monteiro Lobato em *Urupês*, 1918).

Menotti Del Picchia (turma de 1913)

Filho de imigrantes italianos, pertencia a uma minoria de jovens de origem estrangeira que estudava no Largo de São Francisco no início do século XX. Manteve-se sempre ativo na comunidade italiana de São Paulo. Em 1917, lançou o poema *Juca Mulato*, parte de uma obra de mesmo nome, que trazia à tona um homem de carne e osso, vigoroso, com o sangue fervendo nas veias, mas que se sentia bloqueado pela intransponibilidade de sua condição social. Essa obra teve grande circulação e sucesso em seu tempo.

“Cansado ele? E por quê? Não fora essa jornada a mesma luta, palmo a palmo, com a enxada a suster, no café, as invasões da aninga? E, como de costume, um cálice de pinga, um cigarro de palha, uma jantinha à toa, um olhar dirigido à filha da patroa?”

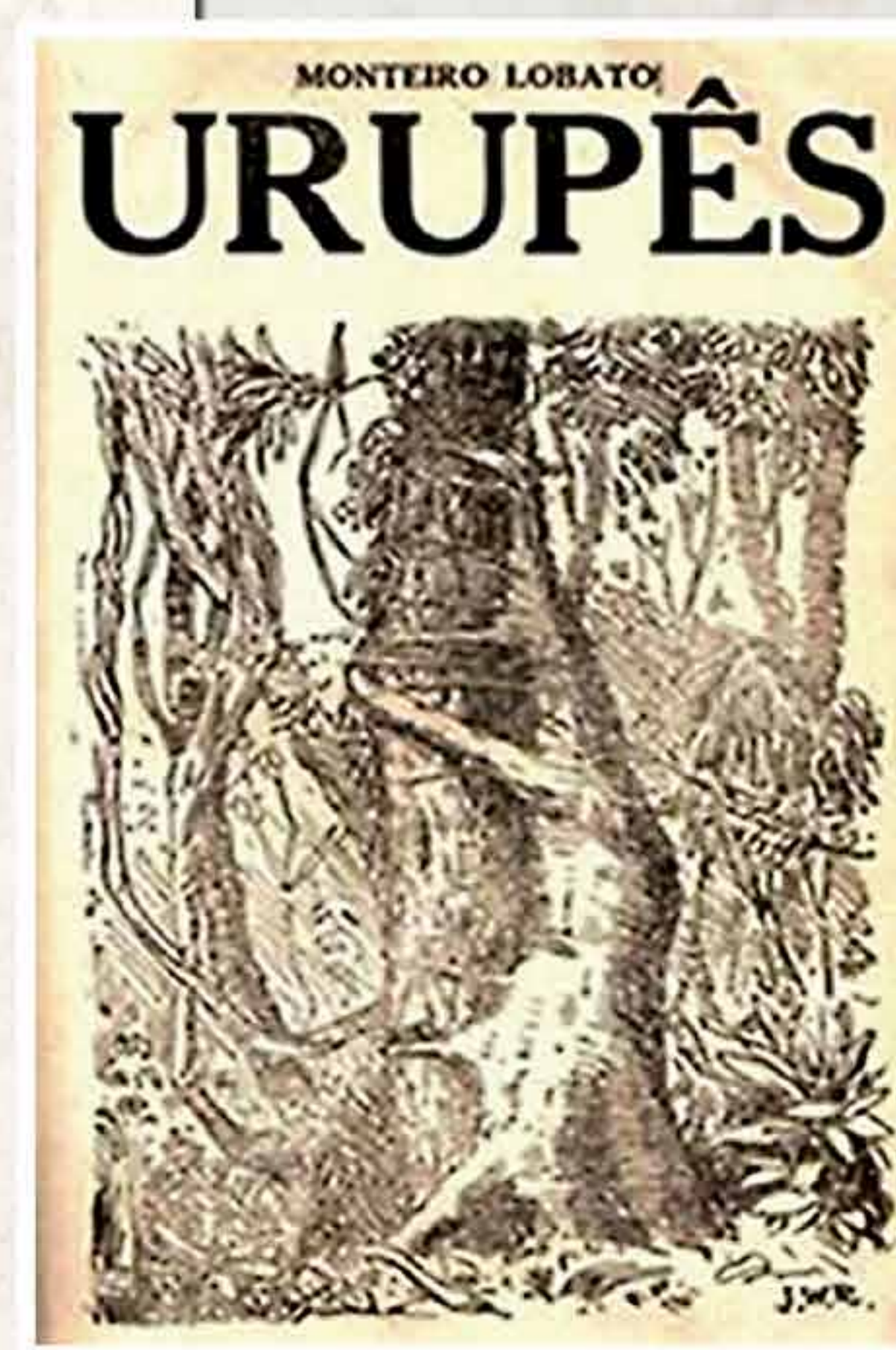
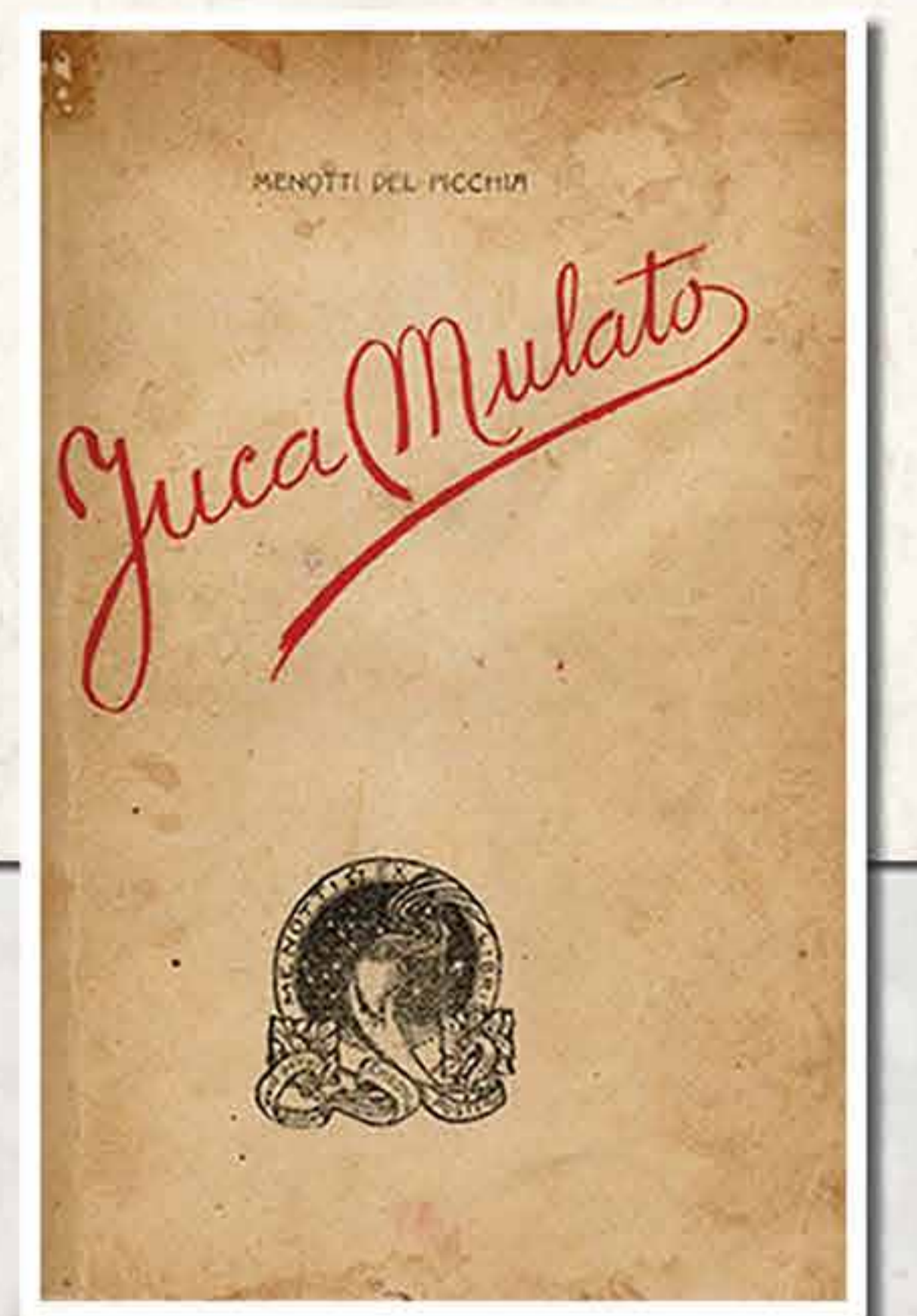
Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada..
Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;
um cavalo pigarço; uma pinga da boa;
o cafezal verdoengo; o sol quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente,
o olhar indiferente, da filha da patroa...

“Vamos, Juca Mulato, estás doido?” ...”

(Trechos do poema *Juca Mulato*, de Menotti del Picchia, 1917).

CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO LIVRO DE POESIAS **JUCA MULATO**, DE MENOTTI DEL PICCHIA, EDITADO PELA CASA PALADINO, EM, 1917. FONTE: WIKIPEDIA, 2016.



CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DE **URUPÊS**, EDITORA REVISTA DO BRASIL, 1918. ILUSTRADOR JOSÉ WASTH RODRIGUES. FONTE: WIKIPEDIA, 2020

O escândalo da Exposição de Anita Malfatti (1917) e o ataque de Monteiro Lobato



ANITA MALFATTI, *TROPICAL*, c. 1916. REPRODUÇÃO DE BATISTA, 2006, p. XI

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

A distinta pintora d. Annita C. Malfatti inaugurará hoje, às 14 horas, a rua Libero Badaró, n. 11, a sua exposição de arte moderna, francesa, por essa ocasião, ao público.

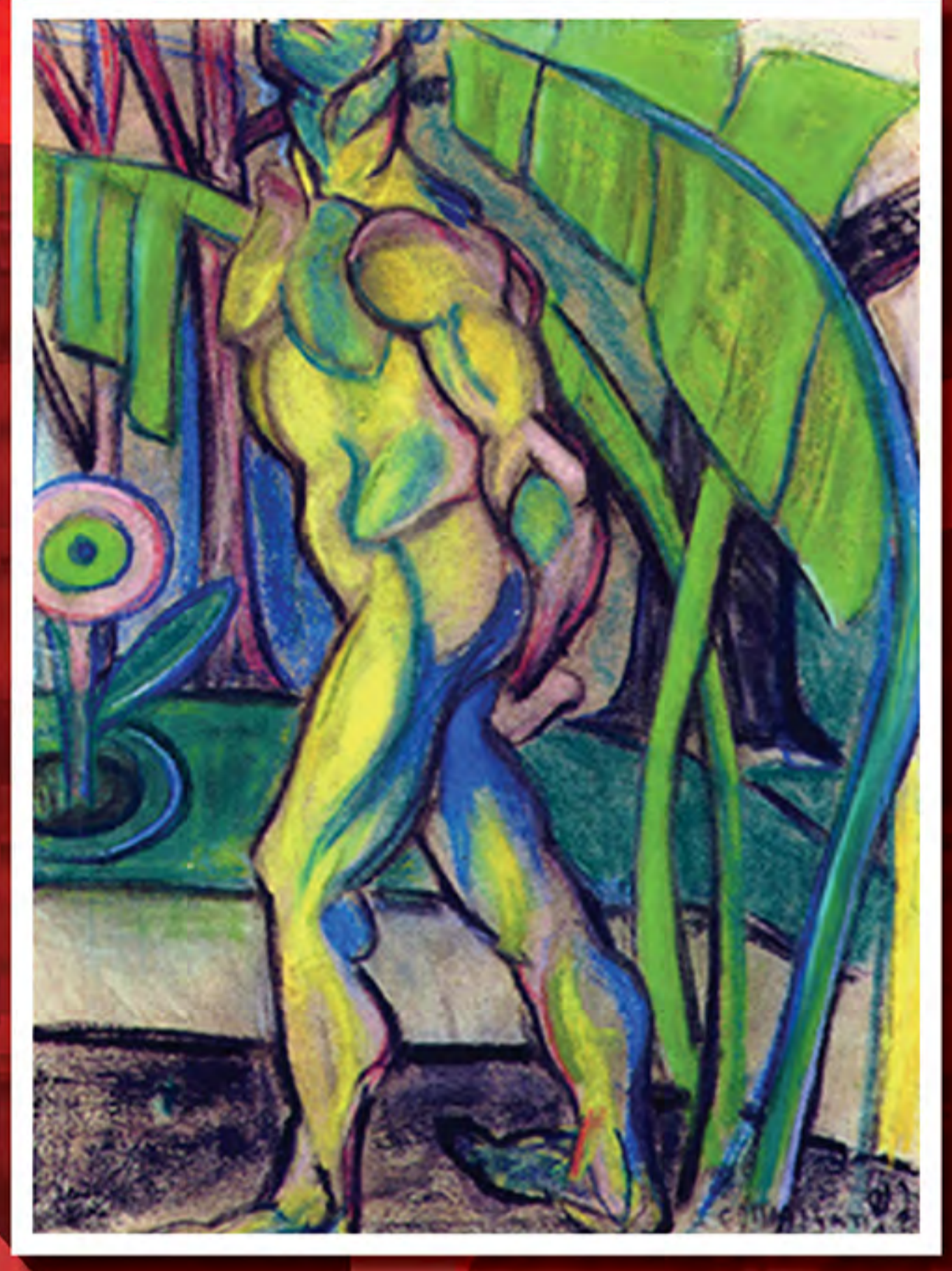
Ao "vernissage" dessa exposição, realizado hontem, estiveram presentes varios artistas e representantes da imprensa.

Da arte da era. d. Annita Malfatti, já pelo que ella tenta realizar, já pelo que de positivo em seus resultados nos apresenta, não se poderia dizer nada com sympathia. Não é, como se vê, ainda pelos trabalhos expostos, uma prova definitiva ou que ao menos se lhe empreste tal significação. Ha, porém, no variado conjunto que constitue o "salão", quadros aos quaes não se poderá negar indiscutível talento e mesmo alguma originalidade.

Tentando o "impressionismo", deixando de lado certos moldes classicos cuja banalidade, pela sua abundancia nos artistas mediores, já se tornaram verdadeiros "expedientes" o "clichés" obrigatórios, d. Annita Malfatti causará aos olhos apreciadores da antiga "paysagem" alguma "extranheza". Isto, porém, não vem ao caso. Que a distincta artista continue fazendo a sua arte moderna, procurando evoluir e sempre independente de suggestões.

Falaremos, depois, com mais espaço, da impressão colhida no "vernissage".

CORREIO PAULISTANO, 13 DE DEZEMBRO DE 1917



ANITA MALFATTI, *O HOMEM DE SETE CORES*, c. 1915/16, EXPOSTO NA SEMANA DE 22. REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA: RÔMULO FIALDINI. FONTE: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2022



ANITA MALFATTI, *A MULHER DE CABELOS VERDES*, 1915/16. REPRODUÇÃO DE BATISTA, 2006, p. VIII

A exposição de Anita Malfatti (1889-1964) entre dezembro de 1917 e janeiro de 1918 em São Paulo foi caracterizada pelo historiador da literatura e antigo aluno das Arcadas, Mário da Silva Brito (turma de 1943) de o "estopim do modernismo" por ter fortes reações por parte do público e da crítica. Em 1913, Lasar Segall (1889-1957) havia sido pioneiro em expor pinturas expressionistas, sem provocar o escândalo da exposição de Malfatti.

Monteiro Lobato (turma de 1904) escreveu uma virulenta crítica no Estadinho, órgão de O Estado de S. Paulo, em 20 de dezembro de 1917, com o título *A propósito da Exposição Malfatti, depois republicada como Paranóia ou mistificação?* em *Idéias* de Jeca Tatu (1919). Para o escritor, Malfatti era representante da "arte anormal ou teratológica" que não copiava fielmente a natureza nem respeitava os princípios imutáveis da arte. Eram obras similares às dos manicomios, que se tornavam mistificação quando expostas em público.

Oswald de Andrade e outros modernistas tinham afinidade com o esforço de Lobato para descobrir tipos brasileiros, como o Jeca Tatu, e para valorizar aspectos nativos da cultura brasileira. Entretanto, rejeitaram o ataque de Lobato, baseado na defesa do academicismo.

Durante a Semana de 22, Oswald escreveu "Que pretendemos nós? Já que Monteiro Lobato não quis continuar a sua atitude inicial que foi um estouro nos arraiais bambos da estética paulista, façamos nós a revolução heróica e forcemos o andar lerdo dos intelectuais brasileiros que ainda acreditam na atualidade de Zola e Leconte". (*Jornal do Commercio*, São Paulo, 11 de fevereiro de 1922).

Em defesa de Anita Malfatti, estavam, desde a primeira hora, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Di Cavalcanti. O escândalo público da Exposição de 1917 adensou os laços entre figuras-chave que realizaram, anos depois, a Semana de 22. Malfatti teve destaque na Semana de 22 com a exposição de 20 obras no Teatro Municipal.

Artigo de Monteiro Lobato

Artés e Artistas

O ESTADO DE S. PAULO

A propósito da exposição MALFATTI

Ha duas espécies de artistas. Os que vivem da arte e os que vivem da crítica. Os primeiros são os verdadeiros artistas e os segundos são os verdadeiros críticos. Os primeiros são os verdadeiros artistas e os segundos são os verdadeiros críticos. Os primeiros são os verdadeiros artistas e os segundos são os verdadeiros críticos.

Os verdadeiros artistas são aqueles que vivem da arte e não da crítica. Os verdadeiros artistas são aqueles que vivem da arte e não da crítica. Os verdadeiros artistas são aqueles que vivem da arte e não da crítica.

Os verdadeiros artistas são aqueles que vivem da arte e não da crítica. Os verdadeiros artistas são aqueles que vivem da arte e não da crítica. Os verdadeiros artistas são aqueles que vivem da arte e não da crítica.

A Semana de Arte Moderna

O evento foi realizado no Teatro Municipal de São Paulo, de 13 a 17 de fevereiro de 1922.

Inspirados em um tipo de programação de festivais que acontecia, então, na França, os organizadores quiseram fazer um evento diferente: mais movimentado, variado e informal do que era habitual naquela época.

Uma exposição foi montada no saguão do teatro, com obras de pintura, escultura e projetos de arquitetura, buscando reunir novas formas de expressão artística.

Três festivais – o nome remetia ao espírito festivo que se queria imprimir a todo o evento – foram realizados, em dias intercalados, mesclando conferências, declamações e apresentações musicais.

Na organização dos três festivais, inicialmente estavam previstas programações temáticas: um dia para pintura e escultura, outro para literatura e poesia e um terceiro para música. Logo, porém, tudo se misturou e a música encheu o ambiente nos três dias.

A Exposição: as obras, os artistas

A Semana de Arte Moderna, que constará de três noites literárias e musicais e de uma grande e complexa exposição de escultura, pintura e arquitetura, revelará o que São Paulo possui de mais culto, de mais sensacional em arte; realizar-se-á no teatro máximo da cidade, como disse, sob os auspícios da elite paulistana, devendo a ela comparecer nosso mundo oficial.

(Helios, pseudônimo de Menotti Del Pechia. Semana de Arte Moderna, *Correio Paulistano*. Crônica Social, 7 de fevereiro de 1922).

NOTAS DE ARTE

A semana futurista

Contra

Andam por ahí uns pisaverdes, enlambusados de sabença, a deitar chócheas parvoçadas, a respeito de bellas letras, menosprezando o cabedal de cultura classica e marcando a pureza do excelso idioma de Camões e Frei Luiz de Souza.

Na aravia com que maisnam os insignes mestres do passado, preletem taes innovadores, descrendo aquillo que, com suado labor, nossos maiores edificaram, erguer ás musas um templo cheio de absurdidades architectonicas, modelando altares que parecem prostibulos, tal o luxo de arrebitos baroccos e voluptuarios enlithes. O ouropel é pincelado com desperdiciosa sereza sobre escanzeladas figuras talhadas em ruim materia.

Não se abeberam mais nas diaphanas aguas da Castalia, os tólos saltapocinhas. D. Luiz de Gonzaga y Argote revive, na obra desses "futuristas" (tal manes de Bernardes, quando mal me sabe esse vocabulol), revive com menelos os mais envezados e ademanes de bonifrate.

Fundibularios de má morte, arremellem contra o passado, entre mostrando a dentuca de carnivoros. Descaimada malilha de cães, ladram, ulvam e, mais, estraçalham a carne branca e tenra que lhes serve de pasto.

O passado, entretanto, não perecerá! Malditos, não levereis mui longe a empresa que te nos affigura enfezada e triste, como a dos coveiros. Antes, desilludidos della, haveis de voltar cobertos de vergonha, a recompôr o que com tão empavezado orgulho derreistest! Não fóra a modorra modernista e a indifferença do publico pelas questões em que se ventillam problemas d'arte, e estareis hoje corridos e enxovalhados pelo látigo da verdade. Já não tópa incautos vossa artimanha, que, sobre velha e revelha, é demasiado parva para embalar, mesmo os necelos. Estylo alambicado, conceitos peregrinos, atarouçadas imagens, nevoas, confusão... que sei-lá? Tudo isso vôso fanatismo vego lucensa e exalta, como si com fumaças e louva-minhas pudessis empanar a razão daquelles que, não desestimam os classicos e que, com mão illurna e nocturna, manuseiam as suas obras.

Não ha negar: a literatura é o anacamplico do valor de um po-

Pro

vo. Qual povo, porém, qual nacionalidade, qual, diga-se, reunião de homens sensatos concederia si-quer fosse pesada ou medida por tão desmercedora galliparia? Do fé? nenhum, Deus louvado!

G. MUNIZ

Vai começar hoje enfim a "Semana de Arte Moderna". Um grupo de moços, namorados da sinceridade, vai apresentar, numa manifestação de força collectiva, unica na America do Sul, as novas orientações das artes do tempo e do espaço. Mesmo aquelles que se-guem camiabo diverso, sentir-se-ao satisfeitos de ver que a S. Paulo cabe a primazia desta manifestação. Era justo. As artes florecem sempre nas terras que apresentam um apogeu de progresso e de civilização. As terras inertes e decadentes não podem apresentar taes paroxismos. S. Paulo torza pois tambem nas artes a decanteira arrogante que lhe cabe. A hegemonia artistica da corte não existe mais. No commercio como no futebol, na riqueza como nas artes S. Paulo caminha na frente. Quem primeiro manifestou a idéa moderna e brasileira na architectura? São Paulo com o estylo colonial. Quem manifestou primeiro o desejo do construir sobre novas bases a pintura? S. Paulo com Anita Malfatti. Quem apresenta ao mundo o maior e moderno escultor da America do Sul? S. Paulo com Brecheret. Onde primeiro a poesia se tornou o vehiculo da sensibilidade moderna livre da gualhada da rima e das correias da metrica? Em São Paulo. Só na musica o Rio está mais adiantado, com Villa Lobos, J. Kubiziro, si me lesse gritaria: E' isso! S. Paulo quer separar-se do Brasil! -- E' mentira. S. Paulo, que offeriou a faixa littoranea brasileira esta mão espalmada de riquezas que é o novo interior, quer-se unido ao Brasil. Brillantes espiritos do Rio vieram nos auxiliar. Mas que nos seja reconhecido novo logar escoteiro. A "Semana de Arte Moderna" é a Mercadora de Sorrisos. Para todos que não nos seguirem venderemos sorrisos de ironia. Para os anciosos por nova aurora offerlamos sorrisos de constancia. Vinde pois adquirir uma felicidade no abundante, pomar da Mercadora de Sorrisos. Toca o hymno!

MARIO DE ANDRADE

MARIO DE ANDRADE.
A SEMANA FUTURISTA EM A GAZETA, 13 DE FEVEREIRO DE 1922.
O artigo de Mário de Andrade era provocativo ao contrastar, em CONTRAS E PRÓS, não só as ideias como também a forma de escrita de conservadores (contra a arte moderna) e de modernistas (a favor dos novos caminhos de expressão artística).
No contexto da Semana de 22, o modernismo era também chamado de futurismo por sua relação com o novo, o que estaria por vir. Entretanto, em termos mais precisos, futurismo era a denominação de um movimento literário e artístico fundado na Europa, no início do século XX, pelo escritor italiano Filippo Tommaso Marinetti.

ANITA MALFATTI, O
HOMEM AMARELO.
C. 1917. IN:
AMARAL, ARACY A.
ARTES PLÁSTICAS
NA SEMANA DE 22

ANTONIO MOYA,
PANTHEON. C. 1919.
IN: AMARAL, ARACY
A. ARTES PLÁSTICAS
NA SEMANA DE 22

ARCHITECTURA

ANTONIO MOYA

- 1 — Entrada de Templo.
- 2 — Templo.
- 3 — Monumento.
- 4 — Monumento.
- 5 — Pantheon.
- 6 — Templo.
- 7 — Casa do poeta.
- 8 — Residência (planta e fachada).
- 9 — ...
- 10 — ...
- 11 — ...
- 12 — ...
- 13 — Volume architectonico.
- 14 — ...
- 15 — ...
- 16 — Fonte.
- 17 — Tumulo.
- 18 — Tumulo.

GEORG PRSIREMBEL

- 19 — Taperinha na praia grande (Maquette e plantas).

ESCULTURA

VICTORIO BRECHERET

- 1 — Genio.
- 2 — Anghis.
- 3 — Soror dolorosa.

W. HAERBERG

- 4 — Idolo.
- 5 — O regresso.
- 6 — Pietá.
- 7 — Cabeça de mulher.
- 8 — Cabeça de Christo.
- 9 — Suptlo.
- 10 — Feto.
- 11 — Busto relevo.
- 12 — Victoria.

W. HAERBERG

- 13 — Nossa Senhora (madeira).
- 14 — Mãe e filho (madeira).
- 15 — ...
- 16 — Grupo (madeira).
- 17 — Pequenas esculturas decorativas.

PINTURA

ANNITA MALFATTI

- 1 — A Estudante russa.
- 2 — O Homem amarelo.
- 3 — O Frasco.
- 4 — O japonês.
- 5 — A mulher de cabelos verdes.
- 6 — A onda.
- 7 — A ventania.
- 8 — Reclotos.
- 9 — Casa de chá.
- 10 — Pedras preciosas.
- 11 — Pechacos.
- 12 — Flores amarellas.

MARTINS RIBEIRO

- 41 — Tedio.
- 42 — Desenho.
- 43 — Desenho.
- 44 — ...

ZINA AITTA

- 45 — A sombra.
- 46 — Estudo de cabeça.
- 47 — Paisagem decorativa.
- 48 — Mascara Sinezas.
- 49 — Aquarium.
- 50 — Feto.
- 51 — Pannel decorativo.
- 52 — 25 impressões.

J. F. DE ALMEIDA PRADO

- 53 — Dois desenhos.

FERRIGNAC

- 54 — Natureza dadaista.

VICENTE REGO MONTEIRO

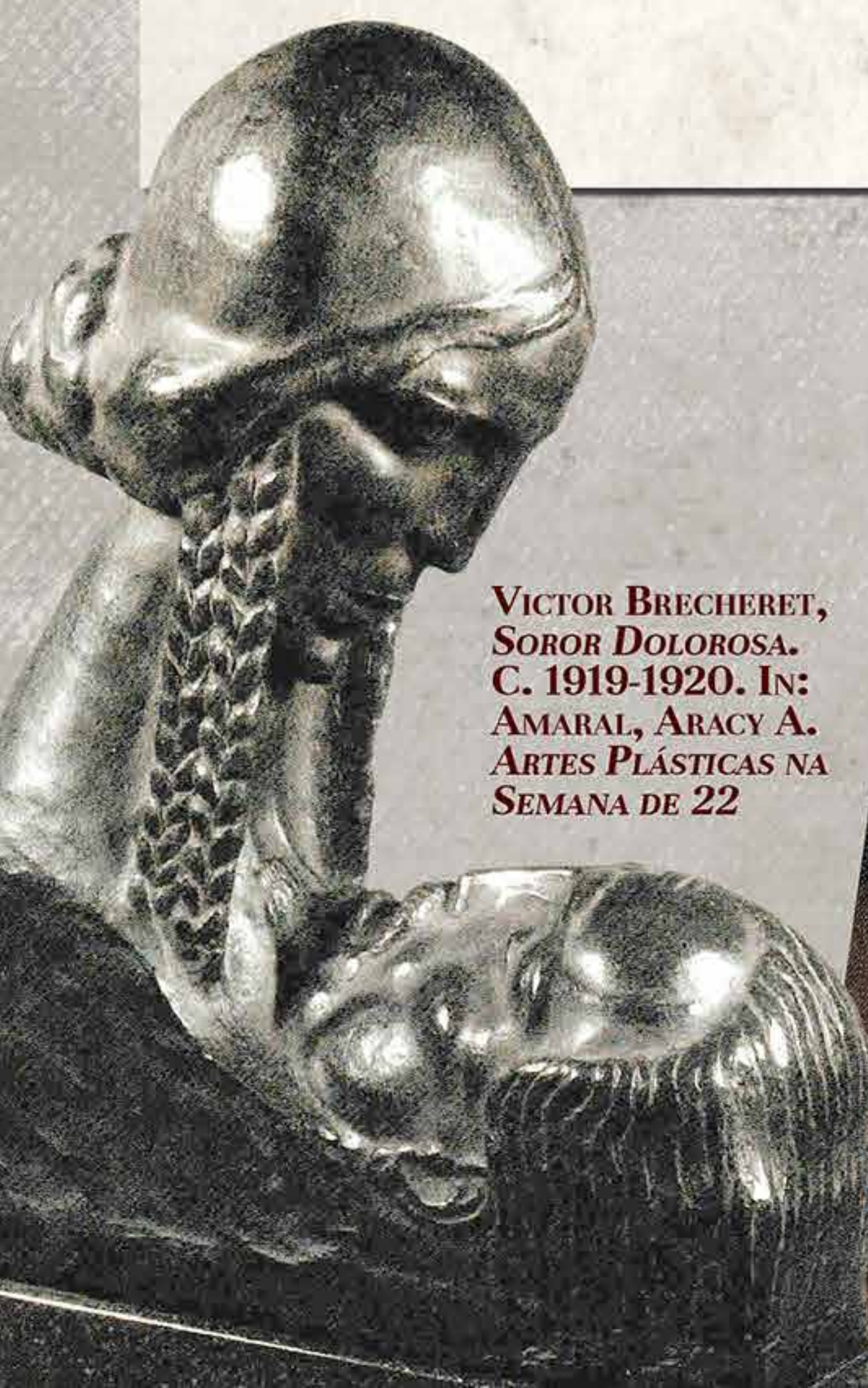
- 55 — Retrato de Romil de Carvalho.
- 56 — Retrato.
- 57 — Retrato.
- 58 — Cabeças de Negras.
- 59 — Cabeça Verde.
- 60 — Bule no Annyro.
- 61 — Linda Brasileira.
- 62 — Linda Brasileira.
- 63 — Cubismo.
- 64 — Cubismo.

DI CAVALCANTI

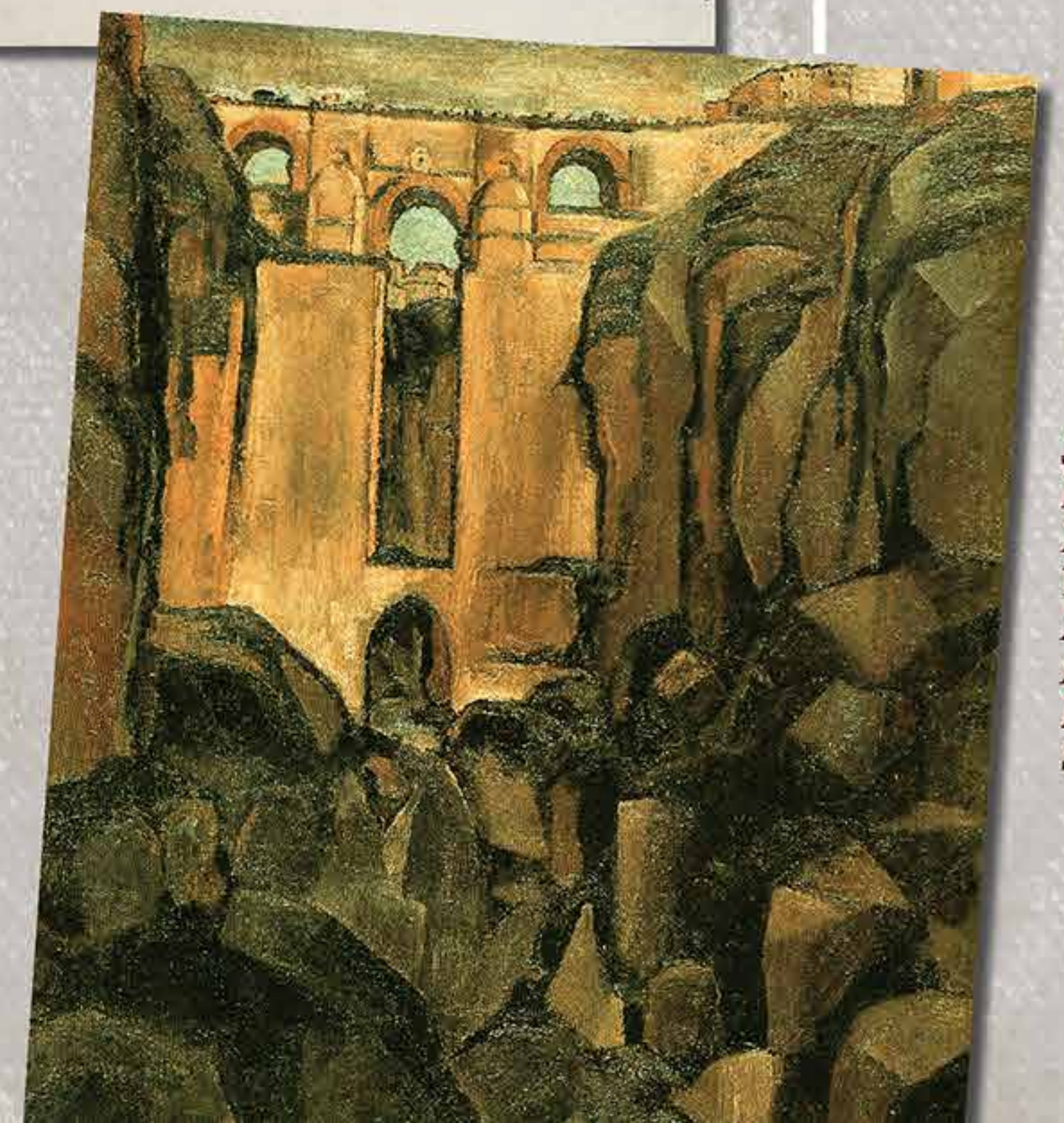
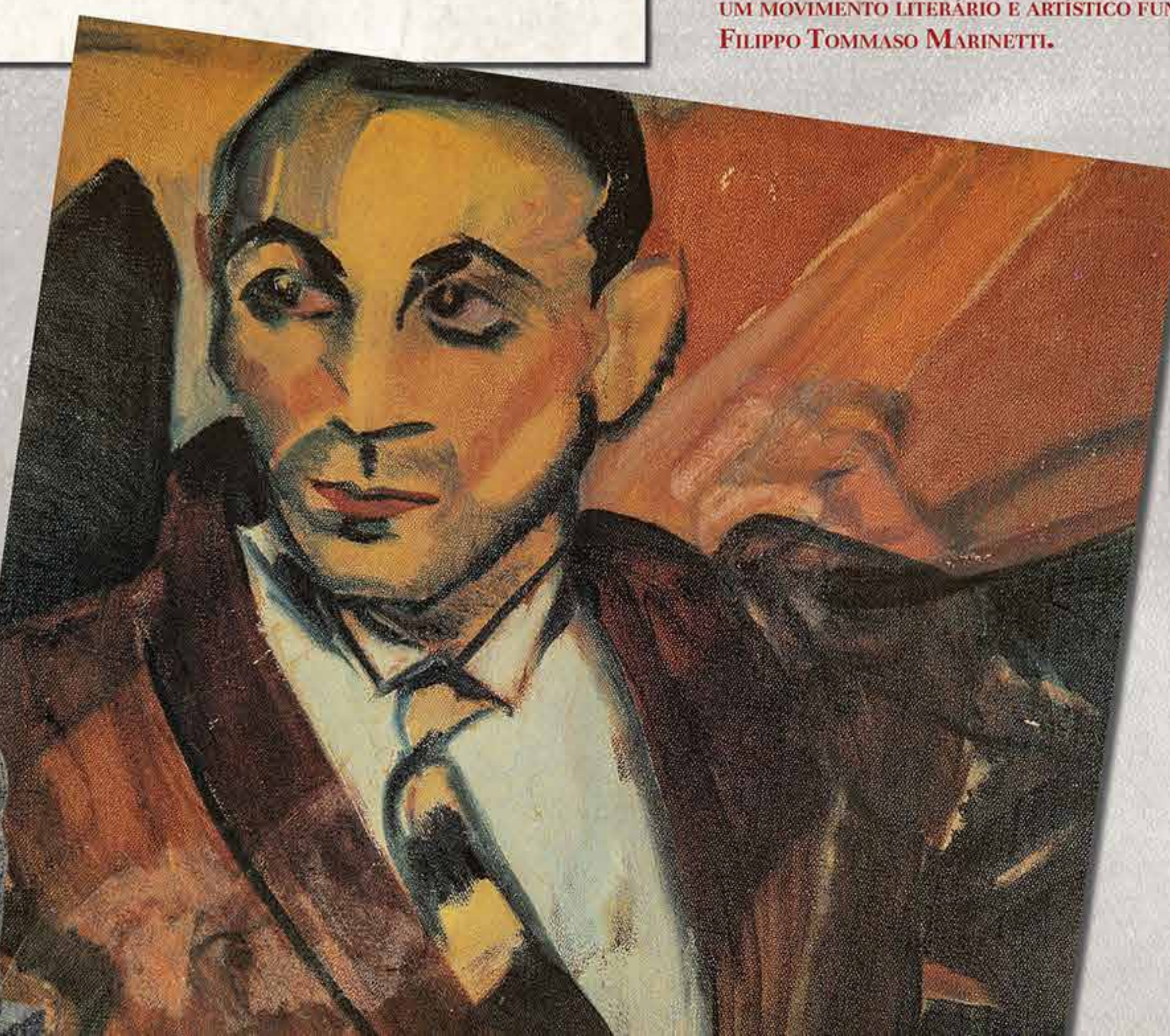
- 21 — Ao pé da cruz — pannel para capella.
- 22 — O Homem do Mar — 1920.
- 23 — Café turco — 1917.
- 24 — ... — 1921.
- 25 — Retrato.
- 26 — A Divida.
- 27 — Intimidade.
- 28 — ...
- 29 — Ilustrações para um livro.
- 30 — Coquetaria.
- 31 — Bohemios.
- 32 — A piedade da morte.

J. GRAZ

- 33 — Missa no tumulo.
- 34 — S. Francisco fallando ao passaros.
- 35 — Retrato do Minstre G.
- 36 — Natureza morta.
- 37 — ...
- 38 — Paisagem Suissa.
- 39 — Paisagem de Espanha.
- 40 — ...



VICTOR BRECHERET,
SOROR DOLOROSA.
C. 1919-1920. IN:
AMARAL, ARACY A.
ARTES PLÁSTICAS NA
SEMANA DE 22



JOHN GRAZ,
PAISAGEM DE
ESPAÑA. C.
1920. IN:
AMARAL, ARACY
A. ARTES
PLÁSTICAS NA
SEMANA DE 22

PÁGINAS DO
INTERIOR DO
CATÁLOGO DA
EXPOSIÇÃO DA
SEMANA DE ARTE
MODERNA DE
1922.

EM DEPOIMENTO
POSTERIOR DE ANITA
MALFATTI, A ARTISTA
COMENTA QUE ESTE
NÃO FOI UM REGISTRO
DEFINITIVO DA
EXPOSIÇÃO, POIS NEM
TODOS OS ARTISTAS
QUE PARTICIPARAM
ESTAVAM ALI CITADOS.
IN: AMARAL, ARACY
A. ARTES PLÁSTICAS
NA SEMANA DE
22. REPRODUÇÃO
FOTOGRAFICA:
GILBERTO LUIZ
GARAVELLO.

Os festivais na Semana de Arte Moderna (I)

A programação do primeiro dia de festival: 13 de fevereiro de 1922

No primeiro dia de festival durante a Semana de Arte Moderna, Graça Aranha abriu o evento com uma conferência intitulada *A emoção estética na arte moderna*.

A conferência não provocou grandes reações da plateia, mas uma sátira musical feita à obra de Chopin, pelo maestro Ernani Braga, para concretizar, num exemplo, as ideias apresentadas pelo conferencista, provocou a indignação dos presentes e de outros participantes do próprio evento, como a pianista Guiomar Novaes.

Também de forma relacionada à conferência, para exemplificar a poesia moderna, foram feitas declamações por Guilherme de Almeida e por Ronald de Carvalho, ambos bem-recebidos pelo público.

A plateia protestou, ainda, ruidosamente, contra as pinturas e esculturas expostas no saguão do Theatro Municipal de São Paulo, que contava com obras de Anita Malfatti e Victor Brecheret, entre outros artistas.

REGISTO DE ARTE

SEMANA DE ARTE MODERNA
Realizada hoje o primeiro festival da Semana de Arte Moderna. O alto interesse que tem despertado em nosso meio o movimento dos "novos", aliado agora ao afirmado numa reunião semanal artística, certamente cooperará para que as noites do Theatro Municipal ocorram com assistência. O espectáculo de hoje, revelando quatro expressões de arte distintas — a literatura, a pintura, a escultura e a música — certamente constituirá uma demonstração prática do valor da tendência e temperamento.

O programa do festival de hoje é o seguinte:

1.ª parte
Conferência de Graça Aranha: A emoção estética na arte moderna. Ilustrada com música executada por Ernani Braga e poesia por Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho.

Música de camera — Villa-Lobos: 1 — Sonata II do violoncello e piano (1916) — A) Allegro Moderato — B) Andante — C) Scherzo — D) Allegro vivace sostenuto e final. — Alfredo Gomes e Lucília Villa-Lobos.

2 — Trio Segundo (1916), violoncello e piano — A) Allegro moderato — B) Andantino calmo (Berceuse-Barcarola) — C) Scherzo-Spiritoso — D) Molto allegro e final. — Paulina d'Ambrosio, Alfredo Gomes e Fructuoso de Lima Vianna.

2.ª parte
Conferência de Ronald de Carvalho: "A pintura e a escultura moderna do Brasil".

3 — Solos de piano — Ernani Braga. — (1917) A) Valva Mystica — (Da simples collectanea) (1919) — B) Campanera Cantadela — "Da suite Dorat" (1921) — C) A. Flandreira.

4 — OTTETTO — (Tres danças africanas) — A) Farrapos — (Dança dos moços) — 1914 — B) Kankukus (Dança dos velhos) 1916 — C) Kankukis (Dança dos meninos) 1916.

Violinos: Paulina d'Ambrosio, Georges Marinuzzi, Alto, Orlando Frederico. — Violoncellos: Alfredo Gomes, Basso, Alfredo Carazza. — Flauta: Pedro Vieira. — Clarino: Antão Soares. — Piano: Fructuoso de Lima Vianna.

Como se vê, a serie dos festejos é iniciada com uma feita colaboração de artistas.

No saguão do Municipal estarão expostas, desde ás 20 e meia horas, esculturas e pinturas futuristas.

A PROGRAMAÇÃO DO PRIMEIRO FESTIVAL NO CORREIO PAULISTANO, 13 DE FEVEREIRO DE 1922

ANÚNCIO VEICULADO NA IMPRENSA CONVINDANDO PARA O EVENTO.



Sao Paulo (Brasil) - Parque Anhangabahu

No saguão do Theatro Municipal, enquanto a exposição de arte permanecia aberta ao público, no auditório, foram realizados três festivais (ou récitas) nas noites de 13 e 17 de fevereiro e na tarde do dia 15.

Houve um programa impresso, mas as notícias de jornais mostram que, na prática, algumas alterações aconteceram na programação inicialmente prevista.

Nas apreciações do evento, uma "guerra de versões" instaurou-se em algumas redações: no Correio Paulistano, em que Menotti Del Picchia era redator, os comentários eram essencialmente positivos. No jornal *O Estado de S. Paulo*, de Julio de Mesquita, fazia-se alarde das reações negativas do público e alfinetavam-se algumas escolhas do programa, alegando-se que já eram antigas.

O THEATRO MUNICIPAL EM CARTÃO POSTAL DO INÍCIO DOS ANOS 1920. REPRODUZIDO DE BENEDITO LIMA DE TOLEDO, ANHANGABAHU, 1989.

— THEATRO MUNICIPAL —

Semana de ARTE MODERNA

HOJE, 13 de Fevereiro

1.º GRANDE FESTIVAL

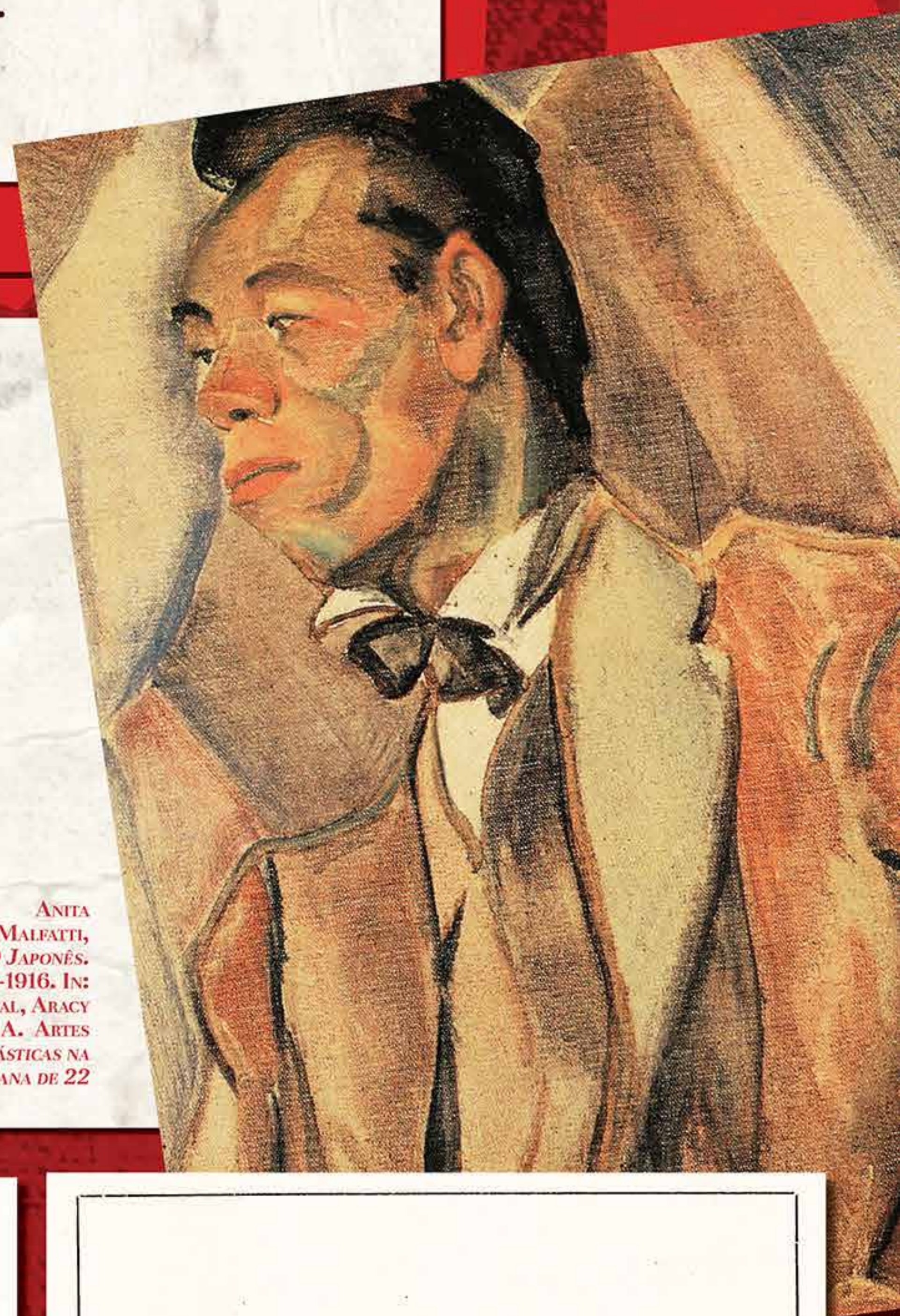
Às 20,30 horas

No saguão do Theatro, Exposição de Pintura e Esculptura.

Preços para as 3 récitas: Camarotes e frisas, 18\$500; cadeiras e balcões, 20\$300.

Bilhetes à venda no Theatro Municipal e na Secretaria do Automovel Club.

ANTA MALLEATI, O JAPONÊS, 1915-1916. INC. AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22



1.ª PARTE

CONFERENCIA DE GRAÇA ARANHA

A 'emoção esthetica na arte moderna, illustrada com musica executada por Ernani Braga e poesia por Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho.

MUSICA DE CAMERA

VILLA - LOBOS

1. — SONATA II DE VIOLONCELLO E PIANO — (1916).

A) — Allegro Moderato.
B) — Andante.
C) — Scherzo.
D) — Allegro vivace sostenuto e final.

ALFREDO GOMES E LUCILIA VILLA-LOBOS.

2. — TRIO SEGUNDO — (1916) — VIOLINO E PIANO.

A) — Allegro Moderato.
B) — Andantino calmo (Berceuse-Barcarola).
C) — Scherzo-Spiritoso.
Molto Allegro e final.

Paulina d'Ambrosio, Alfredo Gomes e Fructuoso de Lima Vianna.

2.ª PARTE

CONFERENCIA DE RONALD DE CARVALHO

A pintura e a esculptura moderna do Brasil.

3. — SOLOS DE PIANO — Ernani Braga.
(1917) A — Valva Mystica — (Da simples collectanea).
(1919) B — Rhodante (Da simples collectanea).
(1921) C — A. Flandreira.

4. — OTTETTO — (Tres danças africanas).
A — Farrapos — (Dança dos moços) 1914.
B — Kankukus — (Dança dos velhos) 1915.
C — Kankukis — (Dança dos meninos) 1916.

VIOLINOS: — Paulina d'Ambrosio — George Marinuzzi.
ALTO: — Orlando Frederico.
VIOLONCELLOS: — Alfredo Gomes — Basso — Alfredo Carazza.
FLAUTA: — Pedro Vieira.
CLARINO: — Antão Soares.
PIANO: — Fructuoso de Lima Vianna.

THEATRO MUNICIPAL — DE — SÃO PAULO

Recibo do Sr. Dr. René Thiollier a quantia acima de oito centos e quarenta e sete mil réis correspondente ao aluguel do Theatro Municipal para o espectáculo *Semana de Arte Moderna* realizado hoje 13 de Fevereiro de 1922 pela Companhia Real de espectáculos.

ADMINISTRAÇÃO DO THEATRO MUNICIPAL

S. Paulo, 21 de Fevereiro de 1922

RECIBO DE ALUGUEL DO THEATRO MUNICIPAL, PROVIDENCIADO E PAGO POR RENÉ THIOLLIER, PARA A SEMANA DE ARTE MODERNA (OU SEMANA FUTURISTA COMO TAMBÉM ERA CHAMADA À ÉPOCA DE SUA REALIZAÇÃO).

O sr. dr. René Thiollier convidou o sr. presidente do Estado a assistir à festa da Semana de Arte Moderna, realizada hontem, ás 20 e meia horas, no Theatro Municipal.

NOTA PUBLICADA NO CORREIO PAULISTANO NO DIA 14 DE FEVEREIRO, EVIDÊNCIA DE QUE NOS BASTIDORES DA SEMANA DE ARTE, RENÉ THIOLLIER TOMAVA SUAS PROVIDÊNCIAS PARA O SUCESSO DO EVENTO.

INTERIOR DO PROGRAMA DO PRIMEIRO FESTIVAL. OS PROGRAMAS IMPRESSOS (HOJE DOCUMENTOS RARÍSSIMOS) SOFRERAM ALTERAÇÕES NA REALIZAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES MUSICAIS E LITERÁRIAS DOS FESTIVALS.

Os festivais na Semana de Arte Moderna (II)

A programação do segundo dia de festival: 15 de fevereiro de 1922

No segundo festival, o poeta Menotti Del Picchia proferiu uma palestra sobre arte estética, apoiada em leituras de poesia e trechos de prosa feitas por Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Agenor Barbosa, Armando Pamplona e Ronald de Carvalho. Entre os autores dos poemas lidos estavam Plínio Salgado, Ribeiro Couto e Manuel Bandeira.

Durante a leitura de poemas e trechos de prosa a plateia respondeu ruidosamente com vaias, gritos, palmas, etc., caçoando e ofendendo os declamadores.

Em seguida, houve apresentação de dança, pela bailarina brasileira Yvonne Daumerie, que homenageou a célebre norte-americana Isadora Duncan (que anos antes havia se apresentado no mesmo Theatro Municipal de São Paulo). Sua performance agradou ao público, a julgar pelas notícias dos aplausos recebidos.

A consagrada pianista Guimar Novaes executou obras de compositores considerados inovadores na música – Blanchet, Villa-Lobos e Debussy –, entusiasmando a plateia.

No intervalo, Mário de Andrade fez uma palestra sobre arte moderna, no espaço do Saguão, provavelmente comentando obras de arte ali expostas.

Mais música, ao final daquela noite: trechos de obras de Villa-Lobos para canto e piano foram executados por sua mulher, a pianista Lucilia Villa-Lobos, e pelo músico português radicado no Brasil, Frederico Nascimento.

ARTES E ARTISTAS

SEMANA DE ARTE MODERNA

Realizou-se hontem no Theatro Municipal o segundo festival da "Semana de Arte Moderna". Uma boa concorrência, para a qual certamente contribuiu em grande parte a inclusão no programma do nome da nossa illustre pianista Guimar Novaes. Iniciou-se o sarau com a conferencia do sr. Menotti del Picchia. Pouco a pouco a atmosphera do theatro foi-se transformando com a collaboração das galerias, a ponto de lembrar em certos momentos a famosa noite da estrêa de Tortola Valência. Talvez isso também estivesse nas intenções dos promotores da reunião, embora não figurasse no programma. Espontânea manifestação da galeria ou claqué de novo genero, o certo é que as phrases e attitudes menos respeitosas attingiram algumas vezes artistas respeitaveis pelo seu talento e o seu passado, que collaboravam no festival. Mas, para os "ver-

NOTÍCIA SOBRE O SEGUNDO FESTIVAL DA SEMANA DE ARTE. O ESTADO DE S. PAULO, 16 DE FEVEREIRO DE 1922.



VICENTE DO REGO MONTEIRO, A CRUCIFICAÇÃO. 1922. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22



ANÚNCIO PUBLICADO EM DIVERSOS ÓRGÃOS DE IMPRENSA EM 16 DE FEVEREIRO DE 2022.

A programação do terceiro dia de festival: 17 de fevereiro de 1922

O terceiro e último festival da Semana contou com apresentações musicais de Villa-Lobos e diversos músicos. O público adotou um tom mais respeitoso durante a execução de suas obras, embora tenham ocorrido vaias quando o maestro subiu ao palco vestindo casaca mas usando chinelos de dedos. Tal atitude foi interpretada pela plateia como uma manifestação "futurista", provocando manifestações de descontentamento. Mais tarde, Villa-Lobos explicou estar acometido por uma enfermidade em seu pé, que não o deixou usar os tradicionais sapatos.

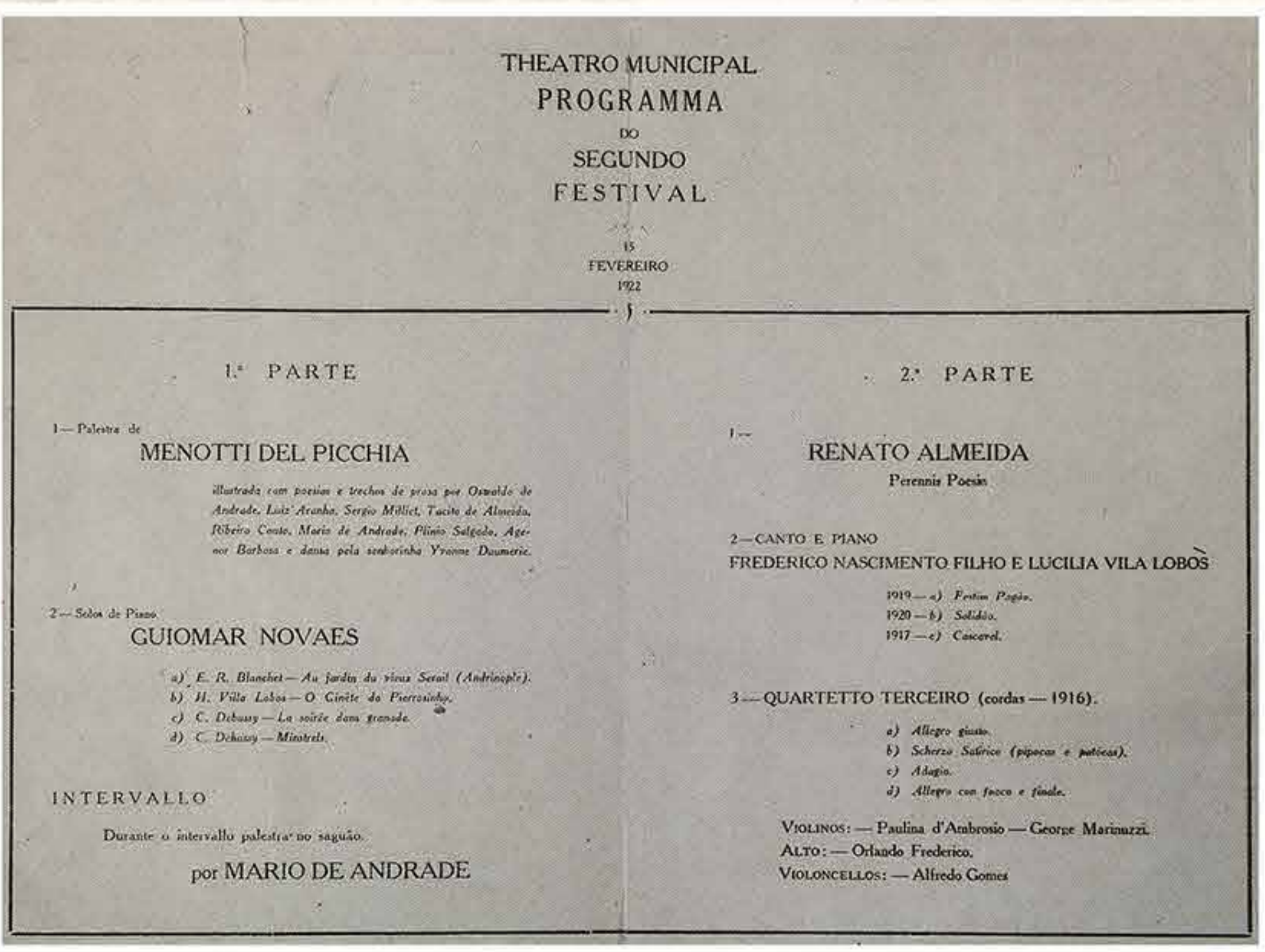
ARTES E ARTISTAS

SEMANA DE ARTE MODERNA

No Theatro Municipal, realizou-se hontem o festival de encerramento da Semana de Arte Moderna. Constatou o espectáculo de varias peças do distincto compositor patriótico sr. H. Villa-Lobos, as quaes foram finamente executadas por artistas de talento. Ernani Braga, Alfredo Gomes, sra. Paulina d'Ambrosio, Lima Vianna, Maria Emma, Lucilia Villa-Lobos, Pedro Vieira e Antão Soares. As peças executadas impressionaram bastante o auditorio, embora seja difficil, numa primeira audição, apreciar todas as qualidades do compositor. Naturalmente, pelo seu incontestavel valor, essas obras serão novamente executadas em S. Paulo, em circumstancias que melhor permitam a sua comprehensão pelo publico. O jovem e talentoso musicista receberá então o justo premio devido ao seu talento.

NOTÍCIA SOBRE O TERCEIRO DIA DE FESTIVAL. O ESTADO DE S. PAULO, 18 DE FEVEREIRO DE 1922.

INTERIOR DO FOLHETO COM O PROGRAMA DO SEGUNDO FESTIVAL DA SEMANA DE ARTE MODERNA. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22



GEORG PRZYMBEL, PROJETO PARA "TAPERINHA DA PRAIA GRANDE". FEVEREIRO DE 1922. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22

ANTONIO MOYA, MONUMENTO (OU TEMPLO). S.D. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22



VICTOR BRECHERET, VICTORIA. C.1919-1921. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22

VICTOR BRECHERET, EVA. 1919-1920. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22



Bacharéis ligados à Semana de 22



Companheiros da Semana de Arte Moderna de 22, em foto tirada em um almoço no Hotel Terminus, São Paulo. Nela aparecem, da direita para a esquerda: Couto de Barros, Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Paulo Prado, René Thiollier, Graça Aranha, Manoel Villalobos, Gofredo Silva Telles, Motta Filho, Rubem Borba de Moraes, Luiz Aranha, Tácito de Almeida e Oswald de Andrade.

FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO

Antigos alunos da Faculdade de Direito de São Paulo que participaram da Semana de 22:

Guilherme de Almeida (turma de 1912)
Oswald de Andrade (turma de 1919)
Menotti del Picchia (turma de 1913)
Cândido Motta Filho (turma de 1919)
Tácito de Almeida (turma de 1919)
Na condição de aluno, Luís Aranha Pereira (turma de 1926).

Di Cavalcanti registra em seu livro de memórias que iniciou o curso jurídico no Rio de Janeiro, mas em 1917, se muda para São Paulo. “Eu deveria continuar meu curso de Direito, fiquei entre as aulas do vetusto casarão, as redações dos jornais, os cafés boêmios, as livrarias, as pensões de mulheres”.

Antigos alunos que patrocinaram a Semana de 22, destacadamente:
Paulo Prado (turma de 1889)
René Thiollier (turma de 1906)

Além deles, contribuíram:
Alfredo Pujol (turma de 1890)
Alberto Penteado (turma de 1893)
José Carlos de Macedo Soares (turma de 1905)

FACULDADE NACIONAL DE DIREITO DO RIO DE JANEIRO

Antigos alunos da Faculdade Nacional do Direito do Rio de Janeiro que participaram da Semana de 22:

Rui Ribeiro Couto, formado em 1919, começou o curso jurídico em São Paulo em 1915.
Ronald de Carvalho, formado em 1912.

Outros bacharéis

O círculo de bacharéis ligados à Semana de 22 é mais amplo do que os participantes e patrocinadores propriamente ditos. Sérgio Buarque de Holanda (bacharel pela Faculdade Nacional de Direito em 1925), atuando desde o Rio de Janeiro, editou com Prudente de Moraes Neto a Revista Estética (1924-1925) e foi correspondente carioca da revista Klaxon (1922-1923), cuja redação funcionou, a partir do nº 2, no escritório de advocacia de Guilherme de Almeida (turma de 1912), Tácito de Almeida (turma de 1919) e Couto de Barros (turma de 1917), na rua Direita, 33, sala 5.

Outro bacharel que merece registro é Antônio Castilho de Alcântara Machado de Oliveira (turma de 1923), que fundou com Couto de Barros e outros a revista Terra Roxa e Outras Terras (1926) e dirigiu com Raul Bopp a Revista de Antropofagia (1928-1929).

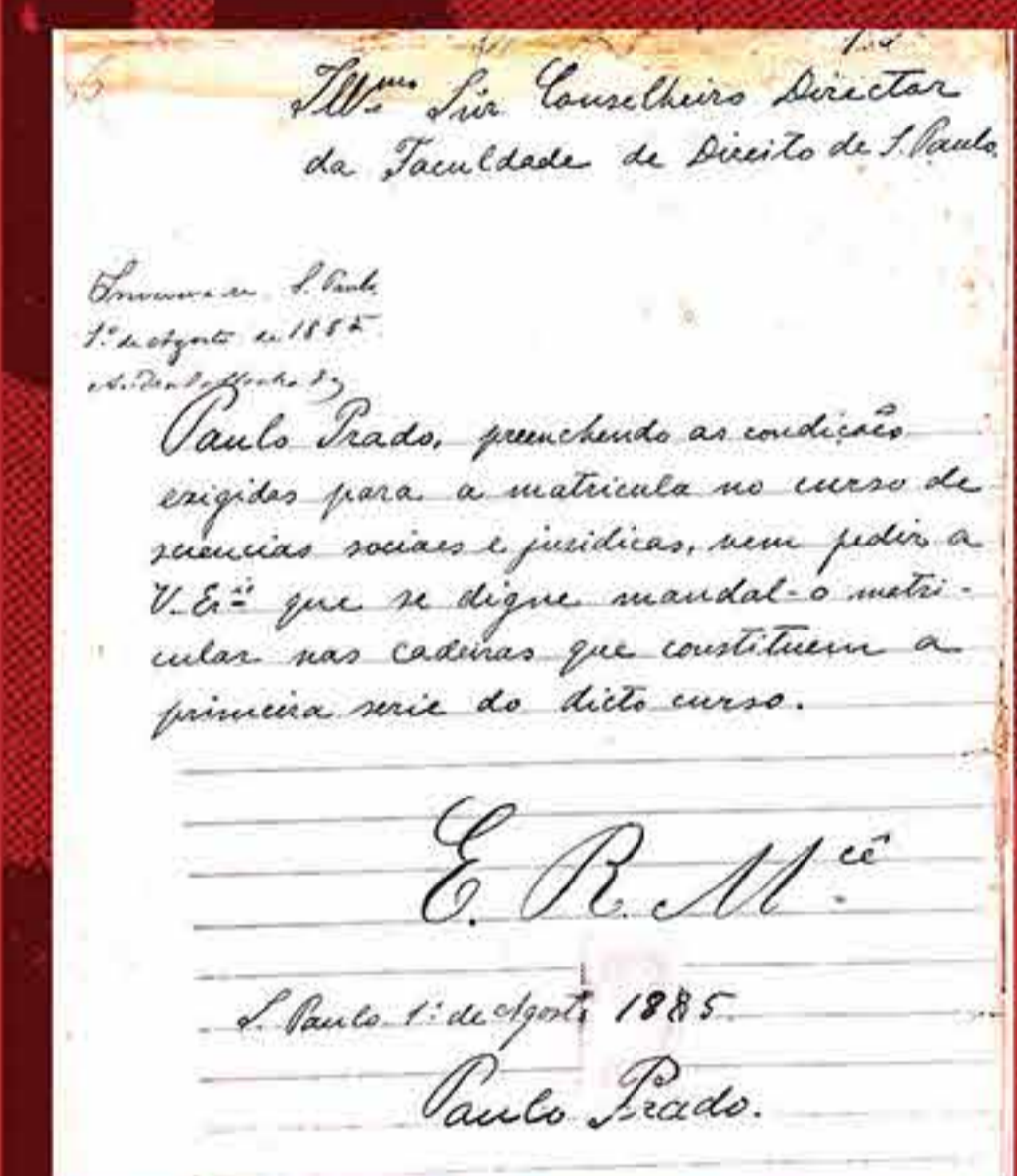
E Receberá Mercê

Os alunos deviam requerer anualmente a matrícula no curso jurídico. Ao final do pedido, é frequente a abreviatura “E.R.M.”, que significa “E Receberá Mercê”, uma fórmula que remonta ao Antigo Regime nos pedidos endereçados ao rei. A fórmula foi usada no século XIX, a exemplo do pedido de matrícula de Paulo Prado (1º ano em 1885), e continuou após a Proclamação da República, como revelam os pedidos de Monteiro Lobato (1º ano em 1900), René Thiollier (5º ano em 1906).

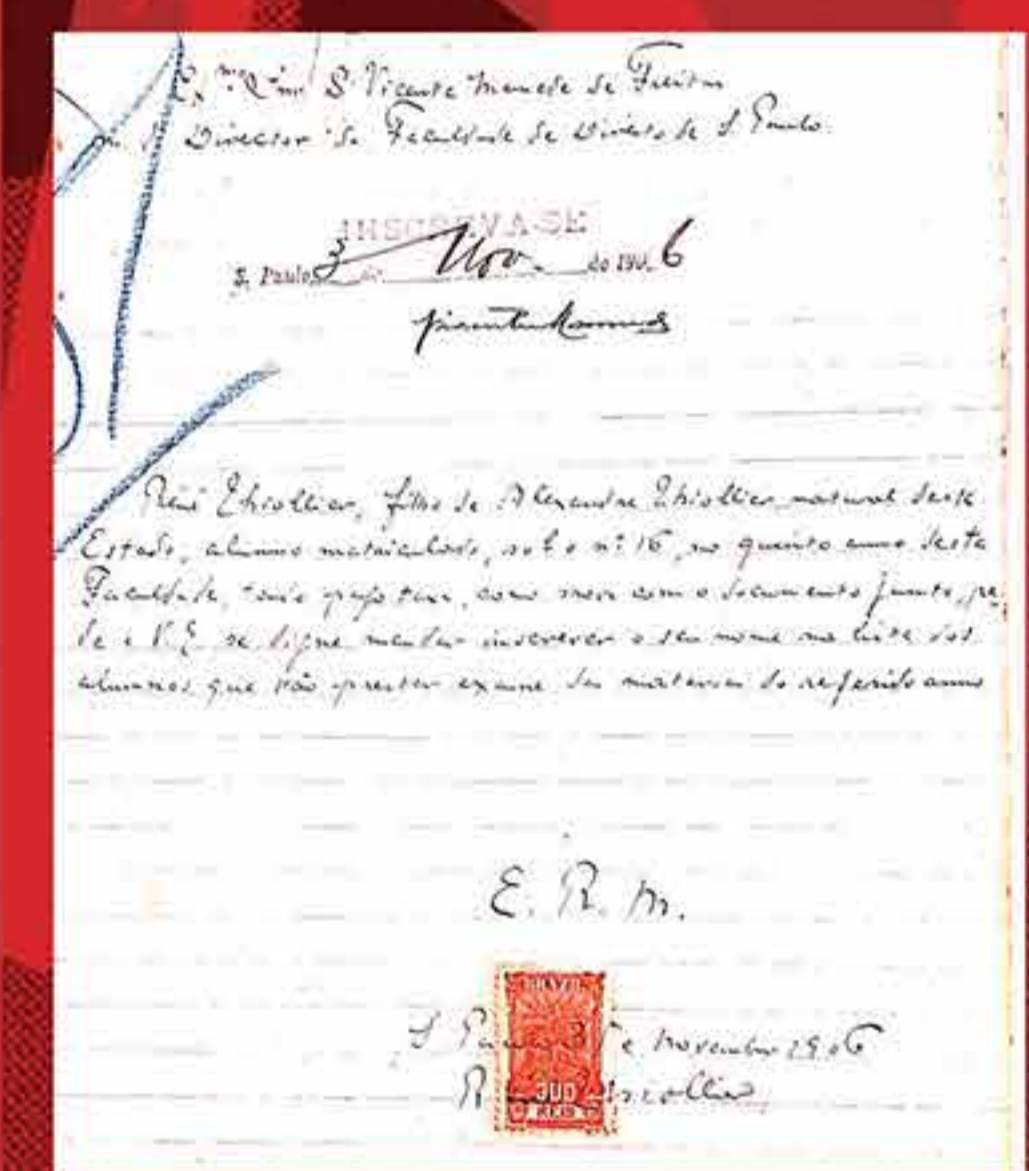
Em 1910, Oswald de Andrade pedia a realização de prova fora de época, fazendo uso da fórmula. Apenas em meados da década de 1900, “E.R.M.” é, aos poucos, substituída pela abreviatura “P.D.” (“Pede Deferimento”), a exemplo do pedido de matrícula de Monteiro Lobato (5º ano em 1904) e de Oswald de Andrade (1º ano em 1909).



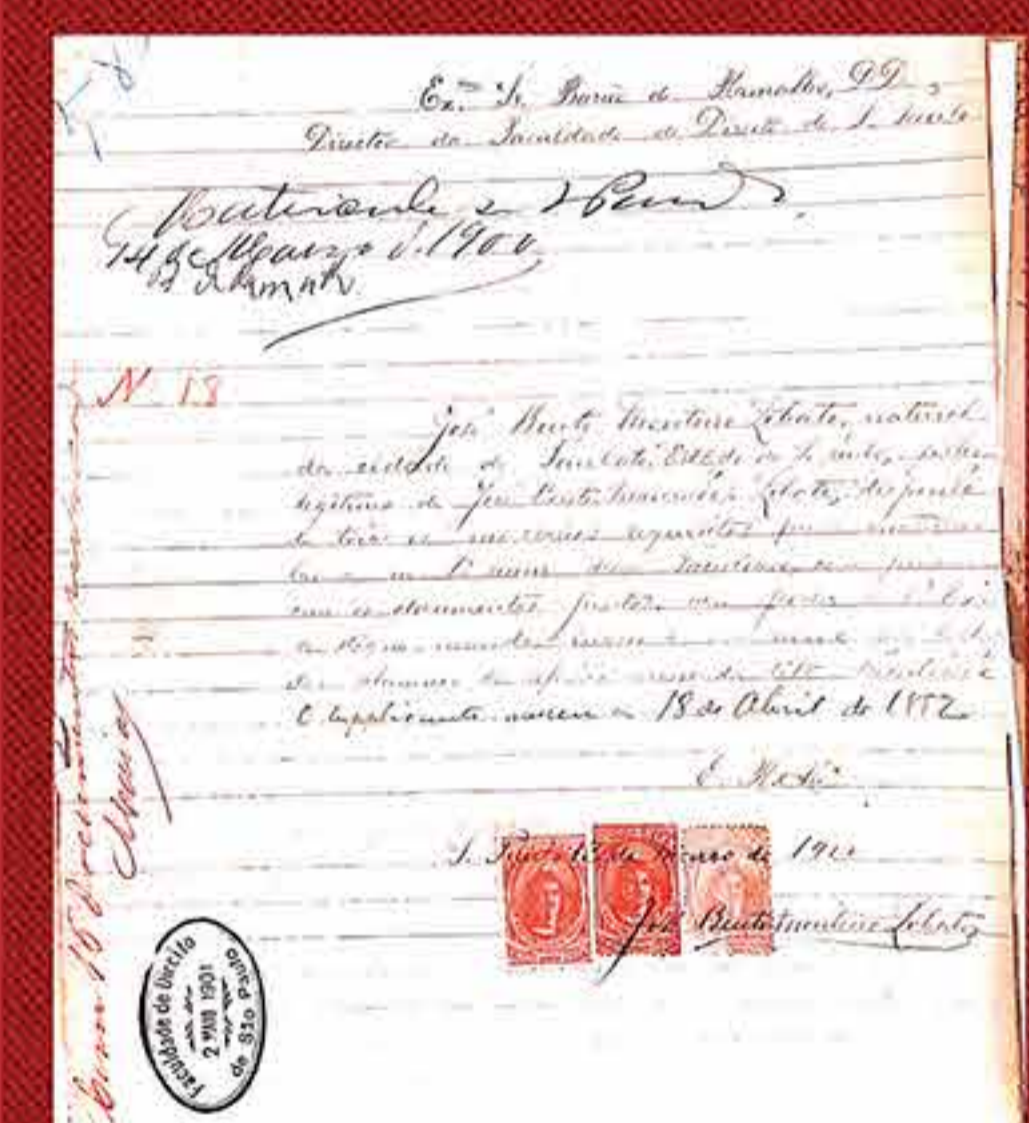
A CAPA DA KLAXON FOI CONCEBIDA POR GUILHERME DE ALMEIDA. A CADA EDIÇÃO AS CORES ERAM TROCADAS.



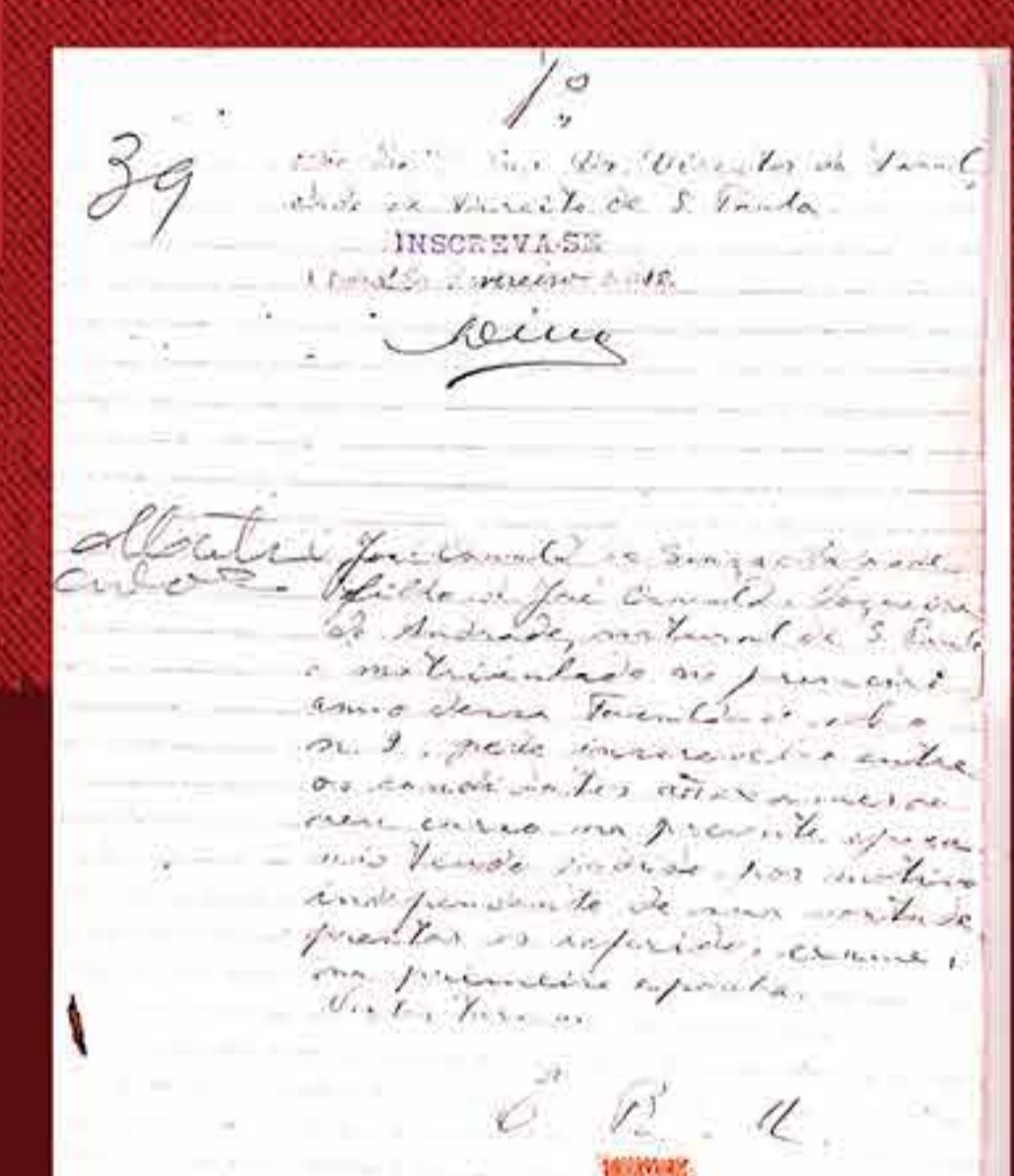
PEDIDO DE MATRÍCULA DE PAULO PRADO (1º ANO EM 1885)



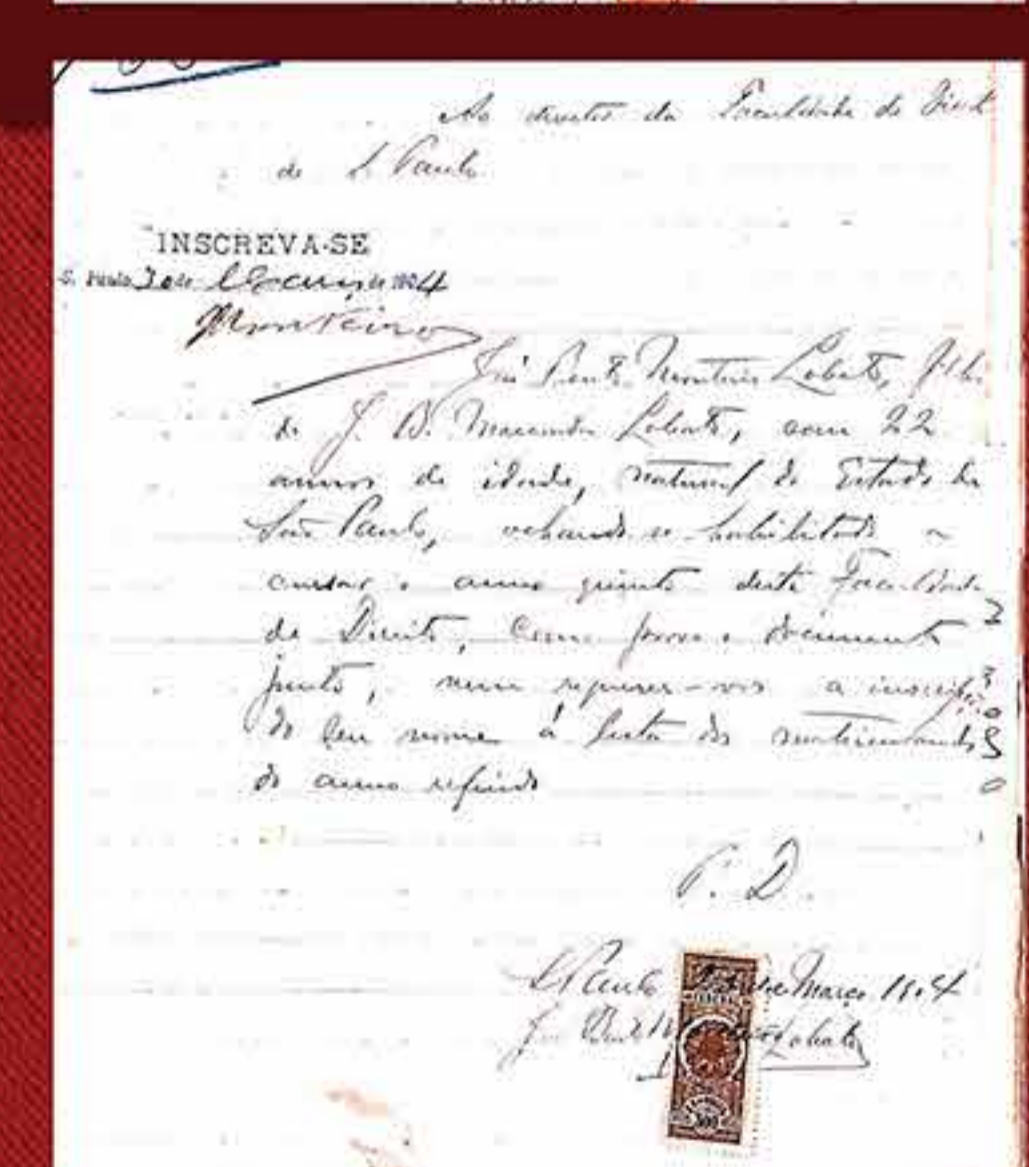
PEDIDO DE MATRÍCULA DE RENÉ THIOLLIER (5º ANO EM 1906)



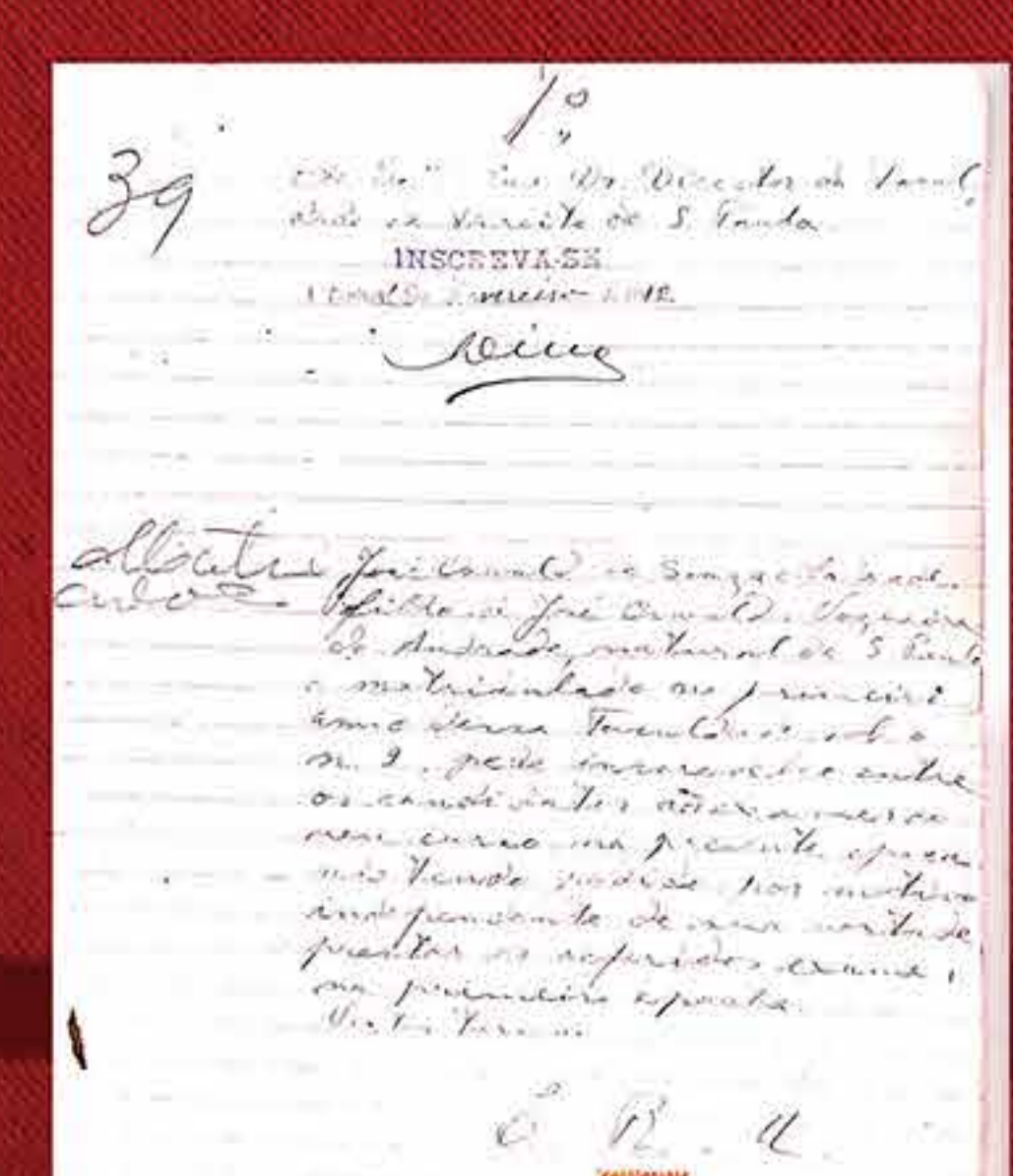
PEDIDO DE MATRÍCULA DE MONTEIRO LOBATO (1º ANO EM 1900)



PEDIDO DE REALIZAÇÃO DE PROVA FORA DE ÉPOCA DE OSWALD DE ANDRADE (1910)



PEDIDO DE MATRÍCULA DE MONTEIRO LOBATO (5º ANO EM 1904)



PEDIDO DE MATRÍCULA DE OSWALD DE ANDRADE (1º ANO EM 1909)

Os dois Oswalds

Há um Oswald bacharel, orador do Centro Acadêmico XI de Agosto. Em 1919, discursou no ato para replantar “árvore da liberdade”, que havia sido plantada por Rui Barbosa na cidade e arrancada clandestinamente. Oswald de Andrade fez um largo elogio às atividades políticas de Rui Barbosa. Nos anos seguintes, o político será o emblema do bacharelismo, alvo da crítica modernista. Este outro Oswald é o crítico do bacharelismo. Com paródia e humor, a cultura jurídica é um dos alvos do Manifesto Pau-Brasil (1924) e do Manifesto Antropófago (1928), chegando aos editoriais contundentes do pasquim político O Homem do Povo (1931).

Antes dos manifestos, em 1923, Oswald fez uma conferência em Paris sobre a vida cultural do Brasil, com críticas à filosofia do direito que conheceu na Faculdade de Direito.

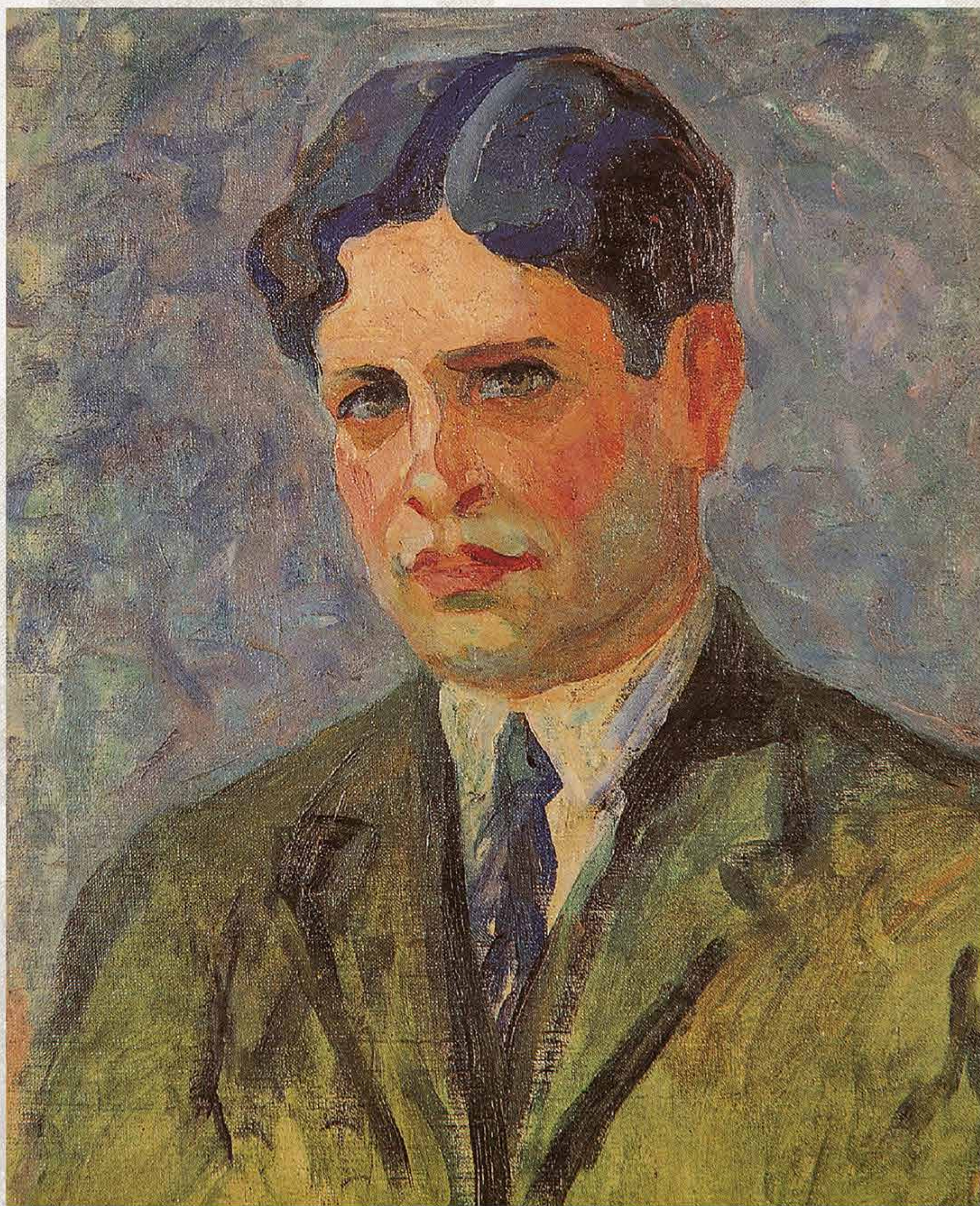
Este fenômeno do domínio intelectual do padre latino na formação da sociedade sul-americana contribuiu, mais do que se pensa, para afastar dela os perigos das heterodoxias futuras. A escolástica constituiu, pois, muito naturalmente a semente do pensamento brasileiro. Ainda hoje ela continua sua longa carreira na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, nos seminários e nos colégios dos estados confederados, sendo atualmente a base da cultura de Alexandre Corrêa.

[...]

Nas faculdades de São Paulo e de Recife, os lentes pregavam o ceticismo pseudocientífico saído das escolas deterministas de direito da Alemanha e da Itália, enquanto Farias Brito, moderno e ignorado, exprimia, na faculdade do Pará, o impulso anônimo da fé panteísta da nossa raça.

(O esforço intelectual do Brasil Contemporâneo, in Oswald de Andrade, Estética e política. Maria Eugenia Boaventura (Org.). São Paulo: Globo, 2011, p.39-53)

José Oswald de Souza Andrade (1890-1954), da turma de 1919, cursou a Faculdade de Direito com interrupções desde 1909. Foi um catalisador e protagonista da Semana de 1922. Em 1917, defendeu Anita Malfatti das críticas de Monteiro Lobato (turma de 1904), aproximou-se de Mário de Andrade, descobriu e apoiou Victor Brecheret.



TARSILA DO AMARAL, RETRATO DE OSWALD DE ANDRADE, 1922. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22. REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA: GILBERTO LUIZ GARAVELLO



CARICATURA DE OSWALD DE ANDRADE, POR FERRIGNAC (IGNÁCIO DA COSTA FERREIRA). 1918. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22. REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA: GILBERTO LUIZ GARAVELLO

CENTRO ACADEMICO "XI DE AGOSTO"

O Centro Acadêmico "XI de Agosto", replantando, solennemente, hoje, às 14 horas, no mesmo lugar do que foi arrancado, o carvalho simbolizador da Liberdade, convida para esse acto, despidido de caracter político, e no qual falará o orador official do Centro, bacharelando Oswald de Andrade, o povo e a mocidade academica de S. Paulo.

M. S. Director da Faculdade de Direito de São Paulo.

Matricula em S. Paulo,
Hollando de 1919.
A. Oswald

José Oswald de Souza Andrade, filho de José Oswald Nogueira de Andrade, natural de São Paulo e residindo no Grand Hotel de la Robinsone Sportman, requer a V. Excia, a vista dos documentos que apresenta, a sua matricula no quinto anno desta Faculdade

São Paulo, 27 de Março de 1919
José Oswald de Souza Andrade

PEDIDO DE MATRICULA DE OSWALD DE ANDRADE NO 5º ANO DA FACULDADE DE DIREITO.

Carnaval de 1922

O Carnaval de 1922 foi festejado pouco depois da Semana de Arte. As personalidades então em evidência – e até a Academia de Direito – tornaram-se figuras de uma crônica bem-humorada na revista *A Vida Moderna*.



Chronica...

...! CARNAVALESCA! ..



zabumbou tremendo
O Zé Pereira das loucuras infer-
[naes...
Rufaram atambores...
Troaram os clarins entre ovações...
E troou pelos ares
A algazarra infernal dos foliões!...

E das caixas de rufo...
Rataplan... rataplan... rataplan...
Rebentou a cantar a loucura,
Rythmando o jazzband maluco
Na troada das trompas sonoras
Que sacodem os echos na altura...

Rataplan... planplan plan!...
E a cidade se encheu
De furibunda floração de flautas
E de gaitas roufenhas
Que ronronavam...
E de gritos, chacotas e berros
Que ribombavam...
E de confetti, serpentinas e de flores
Que se cruzavam...
Nos bumbuns dos zabumbas retumbantes
Que ao velho Momo
Glorificavam!...

E passaram na turba que avança,
Desde o Braz á Avenida Paulista
Os heróes das batalhas de Momo
Na Paulicéa...

E almofadinhas...
E melindrosas...
Elles: catitas,
Ellas: mimosas!...
La deslizam cantando canções
Do Guilherme de Almeida...

E as românticas flores de estufa
Cujas almas de sonho inda vivem
A ler o Lamartine e a ler Musset,
Com o languido olhar pelo infinito,
Vão tangendo os sonoros violinos
Do Laurindo de Brito...

E passa na balburdia o Miguel Meira
Arrastando o pessoal com seus arroubos...

E ouve-se na algazarra a musica audaciosa
De Villa Lobos!...
Estrugem notas de jazzbands afinados
Como a banda allemã de priscas eras...

E Passadistas
E Futuristas
Esquecendo que inda hontem foram feras
Nas phreneticas furiás pugilistas,
Lá vão passando
De braço dado...

Lá passa o Aristeu
Dando o braço ao Menotti del Picchia
Que saltita sorrindo chibante...
E petulante...

O Belmonte, o Paim e o Jota Prado
Lá vão de braço dado
Com o Di Cavalcanti...

Staracce, com a linda cabelleira,
Cavalga o monumento da bandeira
Na garupa do enorme Brecheret.

E passa o Mario Andrade
Com «uma gota de sangue» em cada face
— Os tropeus de sua ultima victoria! —
Abraçadinho com o René...

E o Couto Magalhães levando a serio o Futurismo
Tambem se vé...

E lá passa o Monteiro Lobato
Cavalgando um sacy-pererê.

E num carro allegorico imponente
No meio da baderna
Surge a «Vida Moderna»

Surge a «Vida Moderna»
Ladeada por dois vultos, muito magros!
Que pucham fieira:
Manuel do Carmo — Lellis Vieira...

E Oswald de Andrade e Mario Pinto Serva,
Esquecendo a façanha futurista
Mergulham a dançar na multidão
E perdem-se de vista...

E o Leopoldo de Freitas
Vae dizendo a quem encontra:
«Meu illustre patricio,
Vae ser tremenda esta campanha...
Hê... hê... hê...
Ahi vem o Graça Aranha!...»

Vicente de Carvalho,
E Ronald de Carvalho
E Elysio de Carvalho,
Em nome do passado e a Academia

A VIDA MODERNA, 5 DE MARÇO
DE 1922, ED. 00426, P.7.

Empunhando um vergalho,
Segurando Graça Aranha pela orelha
E este... nem pia...

Meu deus! e quanta gente com inveja
Dos que tomaram parte na folia!...

De repente um barulho infernal...
E ao longe, sob um carro triumphal,
Surge das brumas um Homem nú,
Desce as escadas do Municipal
E entra no valle do Anhangabahú...
Segura a Eva pelo braço e exclama: «O' Tu,
Irmã da minha Gloria, vem comigo...
Chegou a hora da Vingança...
Já basta, minha irmã, de sermos bobos!»...
E cahiram na dança
Ao som da musica de Villa Lobos...

E ruíam caixas de rufo...
E a zabumbar o zabumba
O Zé Pereira retumba
Descommunal ..

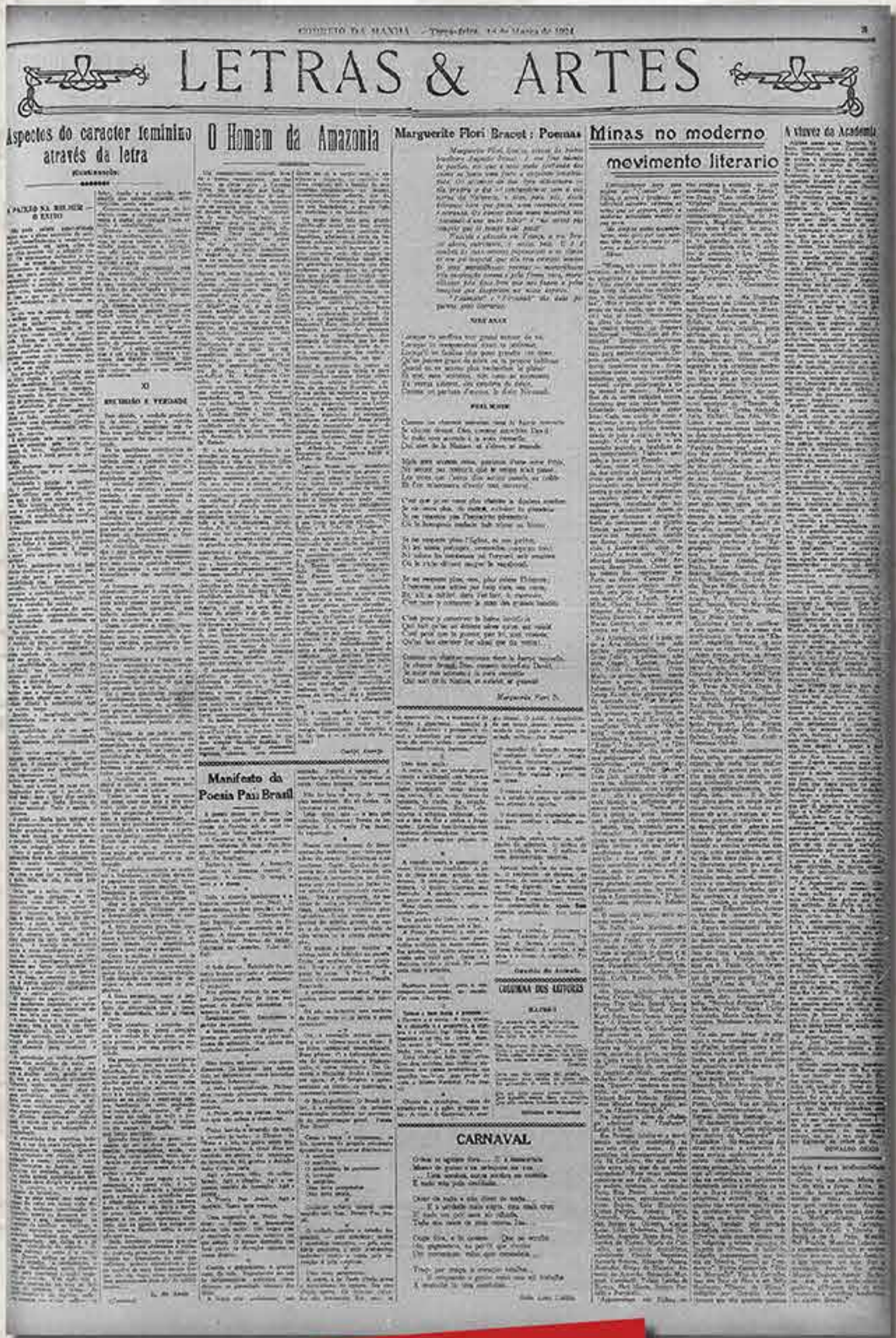
Artes e litteratices,
Seriedades e tolices
Todos calam seus odios afinal,
Que «outro valor mais alto se alevanta»
E a todas ellas a cantar supplanta
— E' o Carnaval!

Foi o que aconteceu
Nesses tres dias de saturnaes...
E zabumbou tremendo
O Zé Pereira das loucuras infernaes...

Guanabarino

Oswald de Andrade e a crítica ao bacharelismo

CORREIO DA MANHÃ, 18 DE MARÇO DE 1924



Manifesto Antropofágico (1928)

Quereamos a Revolução Caraiba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

A nossa independência ainda não foi proclamada. Frase típica de D. João VI: - Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dinastia. É preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Interpretação de Benedito Nunes (1970, p.xxvii e xxix):

A sociedade brasileira surge aos olhos de Oswald de Andrade através das oposições que a dividiram, polarizando a sua religião, a sua moral e o seu direito, a partir de uma primeira censura, a da Catequese, que trouxe o cristianismo, e a do Governo-Geral, que trouxe as Ordenações. Da conquista espiritual dos Jesuítas conjugada ao poder temporal dos mandatários da Coroa, decorreu o código ético do Senhor de Engenho, patriarcal dono de escravos, reinando sobre a Senzala e a Casa Grande. (...) a revolução caraiba nos devolveria o impulso originário que unifica 'todas as revoltas eficazes na direção do homem', outrora recebido, de torna-viagem, na rota de nossas importações, de produto intelectual elaborado no estrangeiro, e sob o invólucro de uma forma histórica alheia à nossa realidade. Pela reabertura do manancial de rebeldia que alimentou, da revolução burguesa ao surrealismo, um ciclo de transformações do mundo, de que o movimento antropofágico seria o último elo, inverteríamos a direção da história.

Interpretação de Benedito Nunes (1970, p.xxi):

O idealismo da camada ilustrada aparece como o lado doutor com que o Manifesto representa o estilo importado de vida intelectual e da cultura literária e artística -- estilo imitativo, que se desafogou na erudição e na eloquência, na mentalidade bacharelesca, comum ao nosso jurista e ao nosso gramático, o primeiro imaginando o império das leis sobre a sociedade e o segundo o da gramática sobre a linguagem. O bacharelismo, o gabinetismo e o academismo, as frases feitas da sabedoria nacional, a mania das citações, tudo isso serviria de matéria à poesia paul-brasil, que decompõe, humoristicamente o arcabouço intelectual da sociedade brasileira, para retomar, através dele ou contra ele, no amálgama primitivo por esse arcabouço recalçado, a originalidade nativa, e para fazer desta o ingrediente de uma arte nacional exportável.

Saberá você que pelo desenvolvimento lógico de minha pesquisa, o Brasil é um grilo de seis milhões de quilômetros talhado em Tordesilhas. Pelo que ainda o instinto antropofágico de nosso povo se prolonga até a secção livre dos jornaes, ficando bem como symbolo de uma consciencia juridica nativa de um lado a lei das dozes taboas sobre uma caravella e do outro uma banana. (...) O facto do grilo historico, (donde sahirá, revendo-se o nomadismo anterior, a verídica legislaçao patria) affirma como pedra do direito antropofagico o se-

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Philosophicamente.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as catecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos catholicos suspensos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informa-ra.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferocemente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos immigrados, pelos traficados e pelos touristas. No país da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguicosos no mappa mundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Caraiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua

pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro anunciada pela America. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Où Villeganlon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução surrealista e ao barbaço technizado de Keyserling. Caminhos.

Nunca fomos catechizados. Vivemos através de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admitimos o nascimento da logica entre nós.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do Kosmos ao axioma Kosmos parte do eu. Subsistencia. Co-nhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em communicação com o solo.

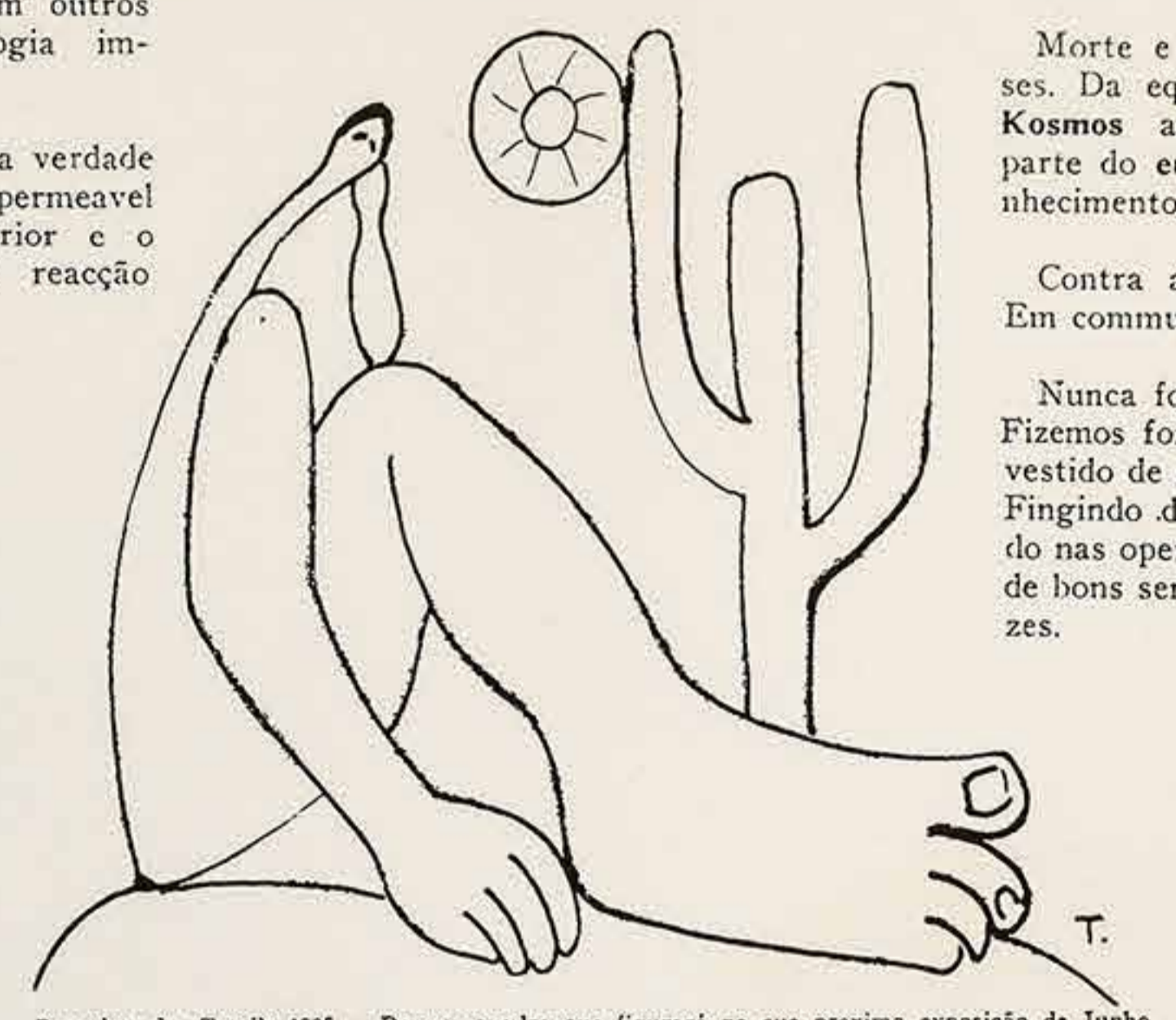
Nunca fomos catechizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a lingua surrealista. A idade de ouro. Catiti. Catiti. Imara. Notia. Notia. Imara. Ipejú.

A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens phy-sicos, dos bens moraes, dos bens di-gnarios. E sabiamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticas.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.

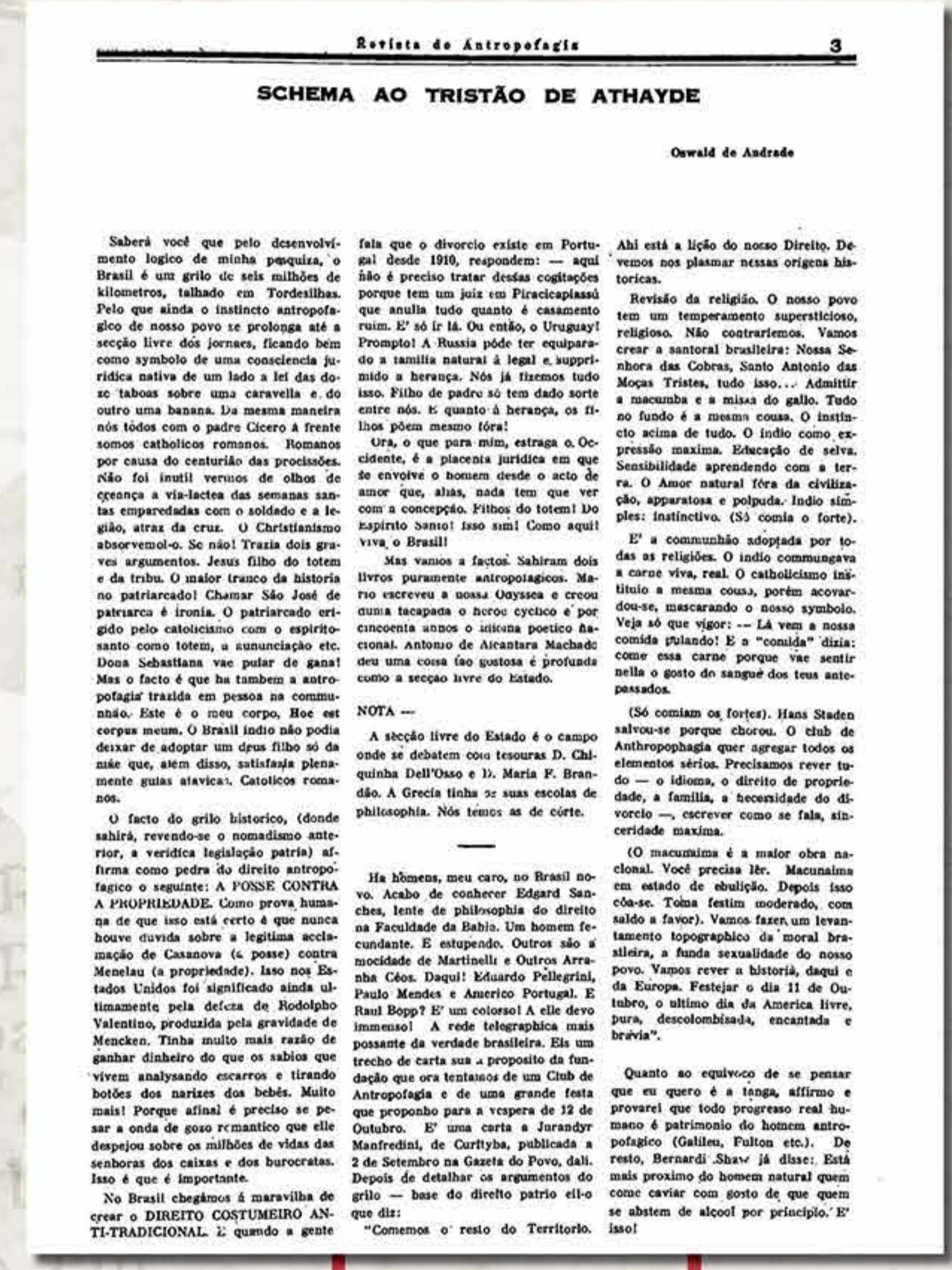
Só não ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?



Desenho de Taratira 1928 - De um quadro que figurará na sua proxima exposiçao de Junho na galeria Pereira, em Paris.

PUBLICADO NA REVISTA DE ANTROPOFAGIA, ANO I, Nº 1, MAIO DE 1928. IN: AMARAL, ARACY A. ARTES PLÁSTICAS NA SEMANA DE 22

Na Revista de Antropofagia, ano I, nº5, Oswald de Andrade mobiliza os princípios dos manifestos para oferecer uma interpretação da prática do direito:



Saberá você que pelo desenvolvimento lógico de minha pesquisa, o Brasil é um grilo de seis milhões de quilômetros talhado em Tordesilhas. Pelo que ainda o instinto antropofágico de nosso povo se prolonga até a secção livre dos jornaes, ficando bem como symbolo de uma consciencia juridica nativa de um lado a lei das dozes taboas sobre uma caravella e do outro uma banana. (...) O facto do grilo historico, (donde sahirá, revendo-se o nomadismo anterior, a verídica legislaçao patria) affirma como pedra do direito antropofagico o se-

guinte: A POSSE CONTRA A PROPRIEDADE. (...) No Brasil chegámos a maravilha de crear o DIREITO COSTUMEIRO ANTI-TRADICIONAL. E quando a gente fala que o divorcio existe em Portugal desde 1919, respondem: - aqui não é preciso tratar dessas cogitações porque tem um juiz em Piracapiassú que anulla tudo quanto é casamento ruim. É só ir lá. Ou então, o Uruguay! Prompto! A Russa pode ter equiparado a familia natural á legal e suprimido a herança. Nós já fizemos tudo isso. Filho de padre só tem dado sorte entre nós. Filho de padre só tem dado sorte entre nós. Filho de padre só tem dado sorte entre nós.

PARTE IV
DEPOIS DA SEMANA

Estudantes versus Oswald: o empastelamento de O Homem do Povo

Em 1931, Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu), então casados, filiam-se ao Partido Comunista e fundam o pasquim político, *O Homem do Povo*, de curta duração, com 8 números. Alunos da Faculdade de Direito reagiram com violência aos editoriais dos números 7 e 8. Os incidentes terminaram com a prisão de Oswald e Pagu e a suspensão definitiva do jornal.

Precioso e ridículo, como literatura política, nullo como visão social, fechado no mais estreito e pifio provincianismo, vertendo apenas o puz que brota dos dois cancores de São Paulo - a Faculdade de Direito e o café - o manifesto do Partido Democrático fixa bem para os olhos ingenuos dos que acreditam nas meias-revoluções, de que tamanho é a gula ambiciosa e hypocrita dos exploradores que depois de ter erguido palácios e fazendas, a chicote e a tronco de escravos - pretendem continuar a sugar o suor dos que trabalham, a troco de representá-los na comedia dos cargos publicos.

(Trecho do artigo As angústias de Piratininga. *O homem do povo*, n. 7, ano 1, 9 abr. 1931)



as angústias de piratininga
Precioso e ridículo, como literatura política, nullo como visão social, fechado no mais estreito e pifio provincianismo, vertendo apenas o puz que brota dos dois cancores de São Paulo - a Faculdade de Direito e o café - o manifesto do Partido Democrático fixa bem para os olhos ingenuos dos que acreditam nas meias-revoluções, de que tamanho é a gula ambiciosa e hypocrita dos exploradores que depois de ter erguido palácios e fazendas, a chicote e a tronco de escravos - pretendem continuar a sugar o suor dos que trabalham, a troco de representá-los na comedia dos cargos publicos.

o 1º concurso do homem do povo miss butantan
Também o General João Alberto...
as nossas prisões
Para os vossos enterros preferi a Casa Rodovalho a alegria dos herdeiros



General João Alberto...

Um Justo Revide dos Estudantes de Direito aos Insultos de um Anthropophago.



isto aqui é Coimbra?
Meninos, eu vos conheço! Também passei pelas arcadas! E fui até numa enorme turma, o primeiro orador do Centro Acadêmico Onze de Agosto! Ser-me-ia facil proseguir nessa brilhante ascensão e hoje em vez de estar sendo agredido pelos vossos pelotões, talvez pudesse como o meu collega de gymnasio Gabriel de Rezende Filho, vos estar mentindo e blefando do alto de uma carunchosa cathedra de professor, e recolhendo o troco disso às vossas inocentes aclamações. [...] O vosso mal é um mal coimbrão, um mal portuguez agravado pela nossa situação de colonia-mental. A nossa velha Faculdade, é como a de Recife, apenas um pedaço do projecto escolar, que não foi avante no Primeiro Imperio e assim reprezou o pensamento brasileiro na bacharelize - lamentavel herança intellectual das Universidades religiosas e legulãs da Peninsula Iberica... [...] Reflectam e vejam que absurdo. Vocês são os unicos seres que continuam a acreditar no Tamanduatehy, na Ilha dos Amores e na grandeza das arcadas conventuaes. Isso numa cidade que conta com trezentos mil proletarios mais ou menos passando fome, de olho arregalado para a Russia, onde uma humanidade nova se organiza, sem as contradicções que estertoram nos vossos livros de Direito Burguez - o Direito Burguez que o proprio mestre reaccionario Mussolini pretende liquidar, substituindo as Faculdades de Direito pelas escolas technicas.

nossa cultura juridica

o 1º concurso do homem do povo

HOMEM DO POVO, Nº 8.

Meninos, eu vos conheço! Também passei pelas arcadas! E fui até numa enorme turma, o primeiro orador do Centro Acadêmico Onze de Agosto! Ser-me-ia facil proseguir nessa brilhante ascensão e hoje em vez de estar sendo agredido pelos vossos pelotões, talvez pudesse como o meu collega de gymnasio Gabriel de Rezende Filho, vos estar mentindo e blefando do alto de uma carunchosa cathedra de professor, e recolhendo o troco disso às vossas inocentes aclamações. [...] O vosso mal é um mal coimbrão, um mal portuguez agravado pela nossa situação de colonia-mental. A nossa velha Faculdade, é como a de Recife, apenas um pedaço do projecto escolar, que não foi avante no Primeiro Imperio e assim reprezou o pensamento brasileiro na bacharelize - lamentavel herança intellectual das Universidades religiosas e legulãs da Peninsula Iberica... [...] Reflectam e vejam que absurdo. Vocês são os unicos seres que continuam a acreditar no Tamanduatehy, na Ilha dos Amores e na grandeza das arcadas conventuaes. Isso numa cidade que conta com trezentos mil proletarios mais ou menos passando fome, de olho arregalado para a Russia, onde uma humanidade nova se organiza, sem as contradicções que estertoram nos vossos livros de Direito Burguez - o Direito Burguez que o proprio mestre reaccionario Mussolini pretende liquidar, substituindo as Faculdades de Direito pelas escolas technicas.

(Trecho do artigo Isto aqui é Coimbra? *O homem do povo*, n. 7, ano 1, 9 abr. 1931)

Oswald de Andrade, que classificou a Faculdade de Direito como sendo um "cancro" que mina nosso Estado, foi agredido e quasi lynchado em plena Praça da Sé. [...] A liberalidade inedita do jornalista, que atacou, sem razão, o vetusto e glorioso edificio, de onde anualmente, uma pleiade de moços sae trazendo nos olhos a fagulha da intelligencia sadia e brilhante e segue à conquista de grandiosos ideaes, revoltou, como era de se esperar, a justa repulsa e revolta nos espiritos dos estudantes que, ipso facto, resolveram castigar o autor da offensa.

(Trecho do artigo Um justo revide dos estudantes de direito aos insultos de um anthropophago, publicado no jornal *Folha da Noite*, 9 de abril de 1931)

Recrudescer o Conflicto Entre os Estudantes e o Director do 'O Homem do Povo'

Hoje, por volta das 11 horas, inumeros estudantes da Faculdade de Direito resolveram empastelar o jornal 'Homem do Povo', pelos insultos reeditados no seu ultimo numero.

(Titulo e trecho de noticia do jornal *Folha da noite*, 13 abr. 1931)

Sobre *O Homem do Povo*, o poeta e crítico literário Augusto de Campos, antigo aluno das Arcadas (turma de 1953), fez o seguinte balanço:

No desleixo das suas linhas apressadas, no seu amorismo algo provinciano, na sua ingenuidade xixotesca, *O Homem do Povo* traz, ao da marca feroz e veiz da utopia, o rastro literário da modernidade e da paródia que dele fazem como que um prolongamento da "2ª denteição antropológica". Este pasquim proletário não deixa de ser... um descendente enjogado da "Revista Antropofágica". Estilhaços do riso oswaldiano espoucam por esses textos irados, fazendo com que eles desbordem da razão política, datada e perecível, para se incorporarem ao plano menos transitório das criações intellectuais.

FOLHA DA NOITE, 13 DE ABRIL DE 1931

Marcos do Modernismo nas Arcadas: um roteiro de visita (I)

Os marcos materiais que hoje podem constituir um “Roteiro Modernista” para uma visita à Faculdade de Direito, são todos posteriores a 1922. Nos anos 1930 e 1940, foi construído o atual edifício que abriga a Faculdade e a ele foram agregadas três esculturas modernistas, além de uma inscrição, que compõem o roteiro sugerido.

O edifício

O próprio edifício da Faculdade de Direito – importante exemplar de *arquitetura neocolonial* – pode ser visto em sua relação com a arquitetura moderna. Embora a *arquitetura neocolonial* e a arquitetura moderna sejam concepções diferentes e tradicionalmente vistas como divergentes, emergiram ambas dos debates culturais dos anos 1920 e guardam, na verdade, estreitas relações entre si, conforme desvelado, mais recentemente, por Pinheiro (2011). Os defensores e criadores das duas correntes buscavam fundamentos legítimos para a formulação de uma *Arquitetura Nacional*, que era o grande objetivo comum a todos.

O edifício foi projetado no início dos anos 1930, pelo arquiteto Ricardo Severo, em sintonia fina com José de Alcântara Machado, que ao assumir a direção da Faculdade, projetou para ela uma reforma tripartite – pedagógica, administrativa e material (Grola, 2012; Martins e Barbuy, 1998). A construção do novo edifício realizou-se naquele decênio, com finalizações consideráveis nos anos 1940.

Aos olhos de hoje, o que pode nos parecer contraditório é que se tenha demolido o edifício original do convento franciscano, genuinamente colonial, no despojamento das construções paulistas do século XVII, para pôr em seu lugar um edifício neocolonial, do século XX e inspirado no barroco mineiro. Por mais que o velho convento já estivesse, então, bastante alterado por reformas anteriores, ainda poderia ter sido recuperado e preservado. Entretanto, a necessidade de adequação da Faculdade aos novos tempos e, assim, de sua modernização, foi a justificativa que prevaleceu.

O novo edifício da Faculdade de Direito de São Paulo constituirá portanto um padrão nacional, que não contrastará com o avançado progresso da modernidade paulista, e pelo contrário será uma eloquente afirmativa da sua cultura através duma história gloriosa, digna de ser fixada de modo imperdável num dos seus principais monumentos. (Ricardo Severo em *A Casa da Faculdade de Direito de São Paulo, 1643-1937, Revista a Faculdade de Direito da USP, 1938*).

As palavras acima foram escritas pelo arquiteto Ricardo Severo, defendendo, em outras palavras, que o edifício da Faculdade de Direito seria a síntese entre o moderno e o tradicional ou mais que isso: nele, o moderno incorporaria as tradições, dando-lhes continuidade e atualização em vez de promover uma ruptura com o passado. Daí ter assinalado, no título de seu artigo, o ano de fundação do velho convento – 1643 – e o ano em que escrevia, no qual o mais substancial do novo edifício já estava construído – 1937.

Para observar o edifício

Principais traços de Arquitetura Moderna no edifício da Faculdade



O edifício é moderno principalmente em suas dimensões, nos sólidos materiais com os quais foi construído e em aspectos essenciais de seu espaço interior: a amplitude dos ambientes, com áreas de circulação espaçosas, altas, bem iluminadas e bem arejadas – que são os saguões e corredores –, assim como de suas grandes salas de aula, algumas em padrão de anfiteatro.

ASPECTO DO SAGUÃO DO PRIMEIRO ANDAR.

Em corredores laterais, as pastilhas do piso e as portas de madeira lisa (sem ornamentos) e bandeiras geométricas (vidros retilíneos na parte superior das portas) trazem uma estética moderna própria aos anos 1930.

ASPECTO DE UM CORREDOR LATERAL NO TERCEIRO ANDAR.



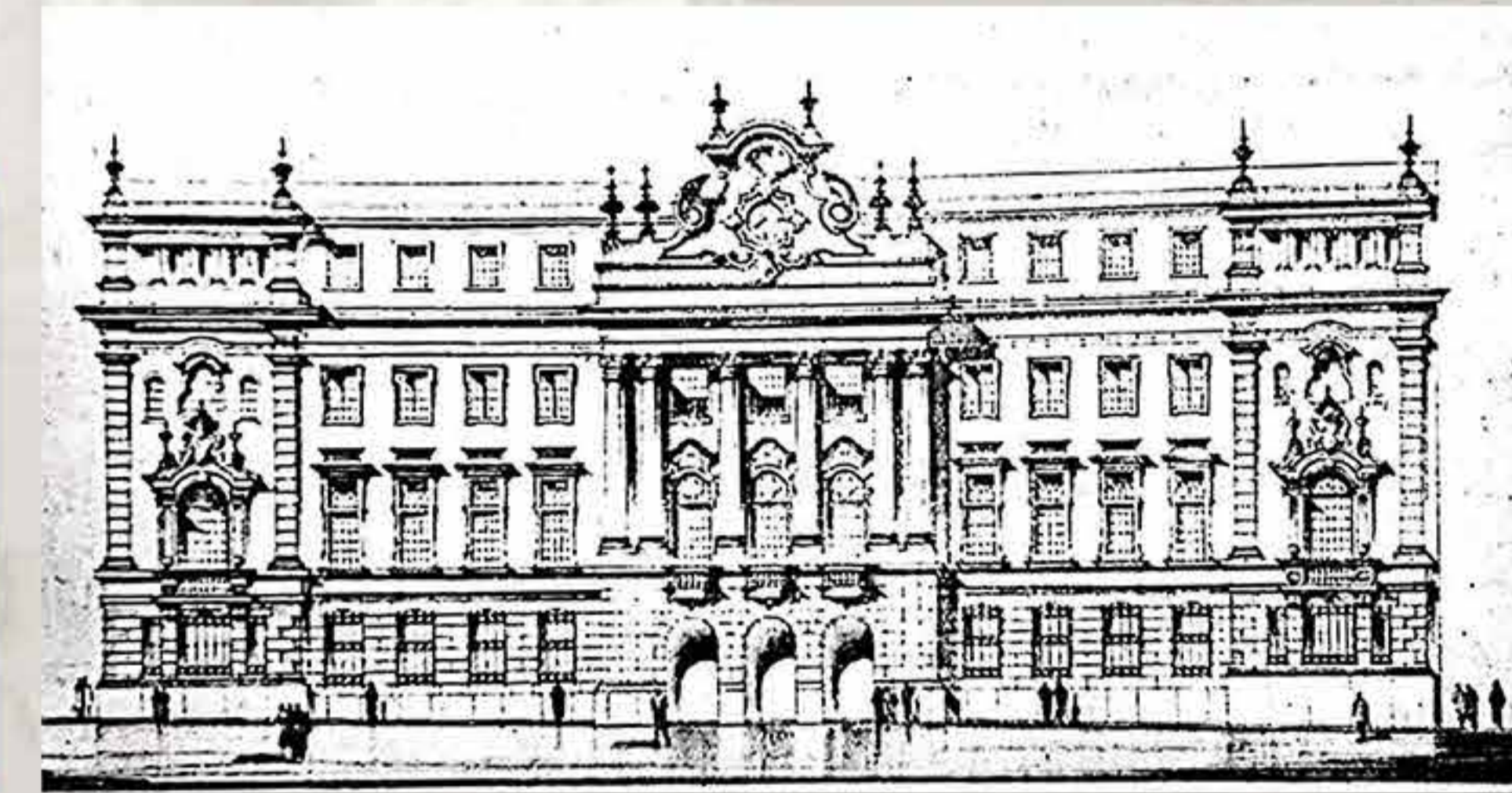
Principais traços de Arquitetura Neocolonial no edifício da Faculdade



No edifício atual, a parte central da fachada principal, com frontão e colunas, destina-se a dar caráter monumental ao edifício. Entretanto, ao longo do corpo principal da fachada, uma sequência contínua de janelas cria a mesma uniformidade cadenciada que se observava no antigo convento, evocando a arquitetura colonial. Este aspecto é ainda mais apreensível na fachada da rua Cristóvão Colombo

O antigo edifício conventual em 1862, ao lado das igrejas franciscanas, em fotografia de Militão Augusto de Azevedo. Acervo do Museu da Cidade de São Paulo-DPH-SMC-PMSP

FACHADA PRINCIPAL NO LARGO SÃO FRANCISCO



Janelas se destacam na Sala de Leitura da Biblioteca. Nas vistas que se tem a partir do interior da Faculdade – como na foto acima, da Sala de Leitura da Biblioteca –, destaca-se o desenho das janelas, de inspiração colonial.

Ornamentação inspirada no barroco do período colonial brasileiro. Espalhados por toda a Faculdade, detalhes ornamentais remetem à arquitetura colonial brasileira.



ARCADAS

No atual edifício, foram reconstituídas as arcadas do claustro franciscano do século XVII, idênticas às originais na forma e nas proporções. Diferentes, porém, no material utilizado: a taipa de barro da antiga construção foi substituída, na edificação dos anos 1930, pelo concreto armado.

Marcos do Modernismo nas Arcadas: um roteiro de visita

As esculturas

No acervo da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, há três esculturas feitas por artistas modernistas: dois bustos de autoria de Víctor Brecheret e um pequeno monumento de autoria de Adriana Janacópulos.

Por serem destinadas a um ambiente tradicional, os artistas mostraram-se contidos nessas obras, comparativamente ao modernismo de outros trabalhos de sua autoria. Entretanto, mesmo não sendo esculturas de um modernismo ousado, apresentam características que permitem identificá-las como modernistas: predominância de superfícies lisas, sem relevos desnecessários à representação dos homenageados; cortes retilíneos e cabeças mais ou menos inclinadas para trás; os pedestais também de cortes retilíneos (no caso de duas delas) conferem um desenho moderno ao corpo de cada obra, quando visualmente apreendidos em seu todo.

BUSTO DE BRASÍLIO MACHADO, DE AUTORIA DO ESCULTOR VÍCTOR BRECHERET. SUA INAUGURAÇÃO, EM 1928, NO ANTIGO SALÃO NOBRE DA FACULDADE DE DIREITO DA USP, CONTOU COM DISCURSO DE ANTONIO DE ALCÂNTARA MACHADO, NETO DO HOMENAGEADO, BACHAREL PELA FACULDADE DE DIREITO (TURMA DE 1923) E ESCRITOR MODERNISTA. ATUALMENTE, ESTÁ NO SALÃO NOBRE. FOTOS: CLAUDIO WAKAHARA



BUSTO DE JOSÉ DE ALCÂNTARA MACHADO, DE AUTORIA DE VÍCTOR BRECHERET. INAUGURADA EM 1942 NO 1º ANDAR, ONDE AINDA PERMANECE.

Avô, filho e neto: três gerações de Machados na Faculdade de Direito

Brásilio Machado (turma de 1872) era tido como o maior orador de seu tempo.

José de Alcântara Machado (turma de 1892) foi o autor da obra *Vida e Morte do Bandeirante* (1929), inovadora por tratar da história do cotidiano, que, nessa época, apenas se esboçava como campo de pesquisa histórica. A obra foi escrita com base em elementos de cultura material extraídos de inventários e testamentos do período colonial paulista. Antônio de Alcântara Machado (turma de 1923) foi reconhecido escritor modernista, autor de *Pathé-Baby* (1926), *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927) e *Laranja da China* (1928), entre outros.

Uma inscrição: o nome de Guilherme de Almeida no Salão Nobre

O nome de Guilherme de Almeida (turma de 1912) está inscrito entre os dois poetas escolhidos para figurar no Salão Nobre da Faculdade de Direito. Isso talvez se deva mais aos laços profundos que cultivou com as Arcadas, amor por São Paulo e envolvimento com a Revolução de 1932 do que por sua participação na Semana de 22. Entretanto, não deixa de ser um nome modernista alinhado entre os poetas históricos da São Francisco.

Em *Meu Roteiro Sentimental da Cidade de S. Paulo* (1967), Guilherme de Almeida incluiu a Faculdade de Direito entre os poucos dez subtítulos que compõem o texto:

A Faculdade

A nossa paixão primeira. “Mocidade” – era o seu nome de solteira. Casada, mudava de nome: “Alegria” para uns, “Luta” para outros, “Desilusão” para estes, “Glória” para aqueles, mas.... “Saudade” para todos. Porque ali, por cinco anos, namorávamos a Vida, amando-a dentro de um círculo vicioso: no primeiro ano, quando calouros, queríamos ser Presidente da República; no segundo, ministro do Supremo Tribunal; no terceiro, lente catedrático da Faculdade; no quarto, simplesmente advogados; e no quinto queríamos ser calouros de novo, apenas calouros ...”

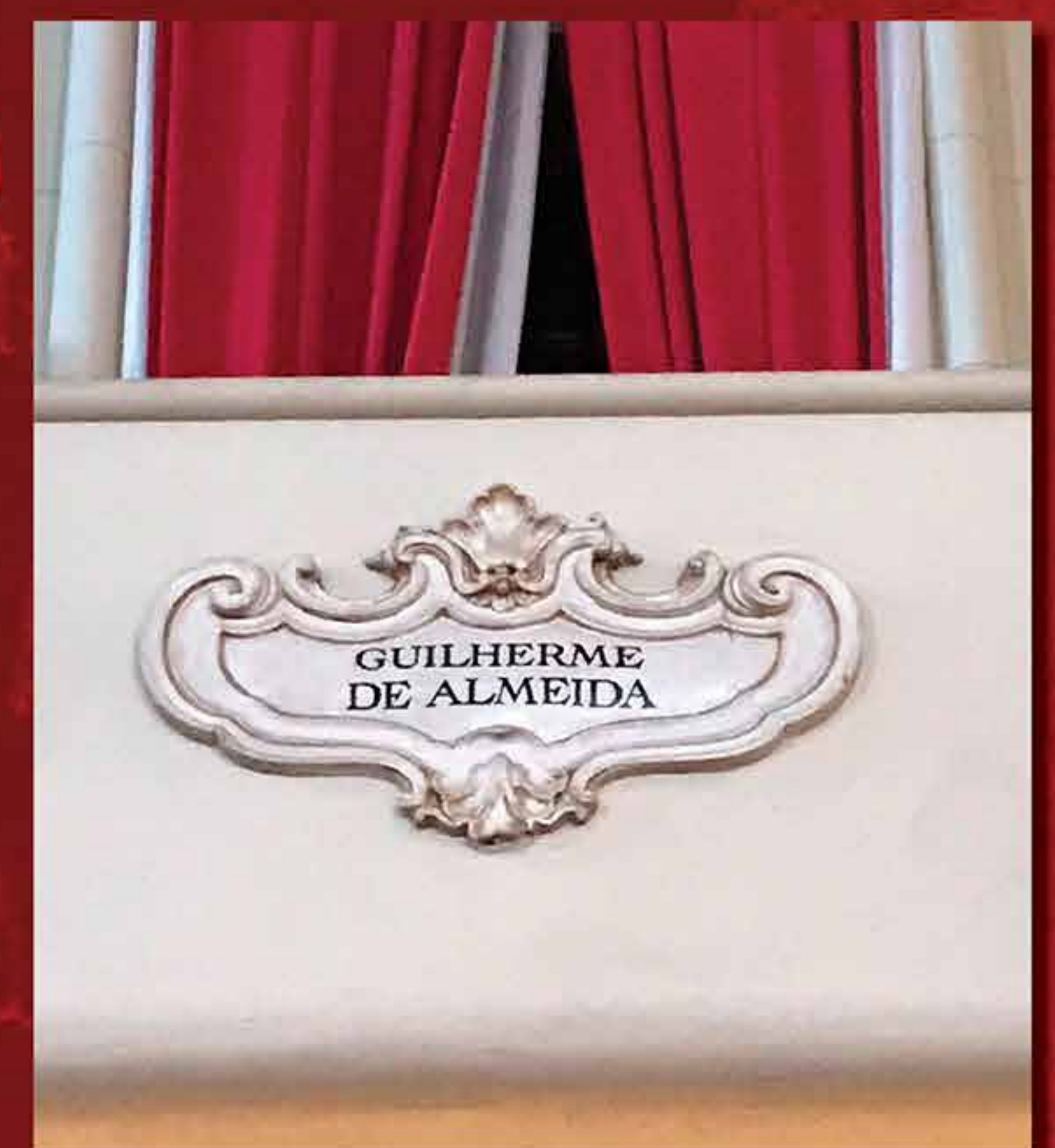
(Guilherme de Almeida, trecho do item “A Faculdade”, em “Meu Roteiro Sentimental da Cidade de S. Paulo”, 1967).

Adriana Janacópulos

FOTO HIDEO SUZUKI

MONUMENTO AOS ACADÊMICOS DE DIREITO MORTOS POR SÃO PAULO EM 1932, DE AUTORIA DE ADRIANA JANACÓPULOS. INAUGURADA EM 1935 NO PÁTIO DAS ARCADAS, ONDE AINDA SE ENCONTRA.

FOTOS CLAUDIO WAKAHARA



FLORÃO COM O NOME DE GUILHERME DE ALMEIDA NO SALÃO NOBRE

JUNTO AO MONUMENTO AOS ACADÊMICOS DE DIREITO MORTOS POR SÃO PAULO EM 1932, NO PÁTIO DAS ARCADAS, OS SEGUINTES VERSOS FORAM POSTERIORMENTE COLOCADOS, ACIMA DA PIRA SIMBÓLICA: “HOUE A LUTA. ACENDEU-SE ESTA FLAMA, DEPOIS, NO SANGUE ARDENTE DOS HERÓIS DE 32. (X ANIVERSÁRIO DA CONSTITUIÇÃO DE 1946) / VERSOS DE GUILHERME DE ALMEIDA”.

Biblioteca da Faculdade de Direito

Na biblioteca da faculdade, a coleção de obras dos autores da Semana de 22 está representada por diversos livros de modernistas das Arcadas e de estudiosos do modernismo. Essa coleção está disponível tanto para pesquisa quanto para leituras prazerosas

DAS ARCADAS
 PARA A
 SEMANA
 DE ARTE
 MODERNA
 DE
 1922

Referências:

- AMARAL, A. A. *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- AMARAL, A. A. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. 3ª ed. São Paulo: Edusp; Editora 34, 2003.
- ANDRADE, O. O esforço intelectual do Brasil Contemporâneo. In: BOAVENTURA, M. E. (Org.). *Oswald de Andrade: Estética e política*. São Paulo: Globo, 2011, p. 39-53.
- AJZENBERG, E. A Semana de Arte Moderna de 1922. *Revista de Cultura e Extensão USP*, v. 7, p. 25-29, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rce/article/view/46491>>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- BARBUY, H. *As esculturas da Faculdade de Direito*. São Paulo: FD-USP; Ateliê, 2017. Colaboração de Igor Tostes Fiorezzi e Tatiane Gomes da Silva.
- BARROS, F. O. P. de (Org.). Introdução e notas. In: ALMEIDA, G. de. *Pela Cidade, seguido de Meu Roteiro Sentimental da Cidade de S. Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- BATISTA, M. R. *Anita Malfatti no tempo e no espaço*. São Paulo: Edusp; Editora 34, 2006. v. 1.
- BOAVENTURA, M. E. (Org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOAVENTURA, M. E. (Org.). *Oswald de Andrade: do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- BOAVENTURA, M. E. (Org.). *Oswald de Andrade: estética e política*. São Paulo: Globo, 2011.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BRITO, M. da S. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- CALIL, C. A. (Org.). Introdução e notas a: PRADO, P. *Retrato do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CALIL, C. A. (Org.). Introdução e notas. In: PRADO, P. *Paulística etc.* 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CAMARGOS, M. *Semana de 22: entre vaia e aplausos*. São Paulo: Boitempo, 2002
- CAMPOS, A. de. Notícia Impopular de 'O Homem do Povo'. *O Homem do Povo*, Edição fac-similar. São Paulo: Imesp, 1984.
- CANDIDO, A. Os dois Oswalds. In: CANDIDO, A. *Recortes*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.
- DI CAVALCANTI, E. *Viagem da minha vida (memória)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955. (vol. 1 – O Testamento da Alvorada).
- GAROA Histórica. *Imagem da Rua XV de Novembro*. Blog. Disponível em: <<http://gariohistorica.blogspot.com/2015/01/rua-xv-de-novembro.html>>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- GROLA, D. A. *A memória nas Arcadas: construção material, simbólica e ideológica*. São Paulo: Humanitas, 2012.
- LAFETÁ, J. L. 1930: a crítica e o modernismo. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LOBATO, M. Urupês. Urupês. 6. ed. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1920.
- MARTINS, A. L.; BARBUY, H. *Arcadas: história da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, 1827-1987*. São Paulo: Alternativa; BM&F, 1998.
- MENDONÇA, S. M. de; MALFATTI, E. C. Praça René Thiollier. *Migalhas*, 5 maio 2008. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/leitores/59708/praca-rene-thiollier>>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- NODARI, A. *A posse contra a propriedade: pedra de toque do Direito Antropofágico*. Florianópolis: UFSC, 2007.
- NUNES, B. Antropofagia ao alcance de todo. In: BOAVENTURA, M. E. (Org.). *Oswald de Andrade: do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- O HOMEM de Sete Cores. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2049/o-homem-de-sete-cores>>. Acesso em: 9 mar. 2022. Verbetes da Enciclopédia.
- PINHEIRO, M. L. B. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2011.
- PINHEIRO, V. C. *René Thiollier: obra e vida do grão-senhor da Villa Fortunata e da Academia Paulista de Letras*. São Paulo: Ateliê, 2017.
- REVISTA A vida moderna. Reprodução da edição 426, de 3 de março de 1922. *Biblioteca Nacional Digital*. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=189740&pesq=Academia&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=5419>>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. *Relação dos governantes no período de 1900 a 2012*. 21 set. 2012. Disponível em: <<https://www3.al.sp.gov.br/historia/governadores-do-estado/governantes2.htm>>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. *Todos os prefeitos da capital de São Paulo*. 3 jan. 2005. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=288417>>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- SÃO PAULO (Estado). Decreto n. 2.234, de 22 de abril de 1912. *Diário Oficial do Estado*, São Paulo, SP, 23 abr. 1912. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1912/decreto-2234-22.04.1912.html>>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- THIOLLIER, R. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Cupolo, [1954].
- THIOLLIER, R. *Episódios de minha vida*. São Paulo: Anhembi, 1956.
- WIKIPÉDIA. Foto da capa do livro Juca Mulato. 24 dez. 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Juca-mulato-menotti-del-picchia.jpg>>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- WIKIPÉDIA. Foto da capa do livro Urupês. 4 out. 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Urup%C3%AAs_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Urup%C3%AAs_(livro))>. Acesso em: 7 mar. 2022.